

Departamento de Sociologia

*Media* étnicos, novas tecnologias e visibilidade dos afrodescendentes  
em Portugal – O caso do audioblogue Rádio AfroLis

**Carla Marisa Fernandes**

Trabalho de projeto submetido como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Comunicação, Cultura e Tecnologias de Informação

Orientador:  
Doutor Jorge Samuel Pinto Vieira, Professor Auxiliar Convidado,  
ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa

outubro, 2015

## **Agradecimentos:**

Cristina Carlos

Ana Paula do Vale

Paulo Inglês

Pablo Hernandez

Doutor Jorge Vieira.

## Resumo

Este trabalho de projeto propõe um modelo para o projeto AfroLis que tem como objetivo a capacitação de comunidades afrodescendentes de modo a aumentar a sua visibilidade através da sua participação direta na produção e no consumo crítico de conteúdos mediáticos. A base para o projeto é o audioblogue Rádio AfroLis, criado em abril de 2014 pela autora, no qual semanalmente afrodescendentes negros a viver em Lisboa publicam entrevistas feitas a afrodescendentes na mesma situação minoritária, seguindo a tradição dos *media* étnicos. As novas tecnologias de informação e comunicação deram visibilidade às histórias partilhadas no audioblogue e em outras plataformas digitais. A pergunta que se coloca é: que impacto poderá essa visibilidade ter nas comunidades que se pretende atingir e retratar, se forem elas próprias a criar os conteúdos desses retratos e se elas puderem ter acesso aos conteúdos também em plataformas não digitais? O projeto AfroLis tem como objetivo contribuir para que as comunidades afrodescendentes exerçam o seu direito de comunicar aproveitando as novas tecnologias, mas não se deixando limitar nem excluir por elas.

**Palavras-chave:** novas tecnologias; visibilidade; meios de comunicação étnicos; participação; inclusão social; cidadania.

## Abstract

This project proposes a model for the project AfroLis, which aims at the empowerment of communities of African descent, in order to directly influence their participation in the production and critical consumption of media content. The base for the project is the audioblogue Radio AfroLis, created by the author in April 2014, in which, on a weekly basis, black people of African descent living in Lisbon publish interviews with other black people in the same minority situation, following the tradition of ethnic media. The new information and communication technologies gave visibility to the stories shared in the audioblogue and other digital platforms. The question now posed is: what impact will this visibility have on the targeted communities and on their portraits, if they themselves create the content of these representations and have access to the content on platforms other than the digital ones? The project AfroLis aims at contributing for the communities of people African descent to

exercise their right to communicate, using new technologies but not letting them exclude or limit them.

**Keywords:** new technologies; visibility; ethnic media; participation; social inclusion; citizenship.

## ÍNDICE

AGRADECIMENTOS.....	I
RESUMO.....	II
INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO I –METODOLOGIA.....	3
CAPÍTULO II – AFRODESCENDENTES NEGROS NOS MEDIA EM PORTUGAL.....	5
2.1 VISIBILIDADE E SENTIMENTOS DE PERTENÇA.....	5
2.2 REPRESENTAÇÕES E INTERPRETAÇÕES.....	7
2.3 MEDIA ÉTNICOS E SUAS FUNÇÕES.....	12
CAPÍTULO III - UTILIZAÇÃO DE INTERNET EM PORTUGAL.....	17
3.1 ACESSO.....	17
3.2 ESFERA PÚBLICA.....	19
CAPÍTULO IV - APRESENTAÇÃO DO AUDIOBLOGUE RÁDIO AFROLIS.....	21
4.1 ABORDAGEM DOS TEMAS.....	21
4.2 SELEÇÃO DOS CONVIDADOS E TEMAS.....	21
4.3 PROCESSO DE GRAVAÇÃO DOS ÁUDIOS, PUBLICAÇÃO DAS ENTREVISTAS E FOTOS.....	22
4.4 PLATAFORMAS DE ACESSO E CONTEÚDOS DISPONÍVEIS.....	22
4.5 SEGUIDORES EM NÚMEROS.....	23
4.6 PORQUÊ LISBOA?.....	24
CAPÍTULO V – PROJETO AFROLIS.....	27
5.1 OBJETIVOS.....	27
5.1.1 Objetivos gerais.....	27
5.1.2 Objetivos específicos.....	27
5.2 PÚBLICO-ALVO.....	28
5.3 DESENVOLVIMENTO DE PÚBLICOS.....	28
5.4 ATIVIDADES.....	29

5.5 IMPORTÂNCIA DESTE PROJETO E IMPACTO DESEJADO SOBRE OS DESTINATÁRIOS.....	30
5.6 ESPAÇO DE FUNCIONAMENTO DO GRUPO.....	31
5.7 PARCEIROS E FINANCIADORES.....	31
5.8 EQUIPA ATUAL.....	34
5.9 CRONOGRAMA.....	34
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
BIBLIOGRAFIA.....	39
FONTES.....	42
ANEXOS.....	I
ANEXO A - EXCERTOS DE ENTREVISTAS PUBLICADAS NO AUDIOBLOGUE RA.....	I
A.1 Entrevista sobre participação política.....	I
Anexo A.2 – Entrevista sobre Representações nos media.....	III
Anexo A.3 – Entrevista sobre conceito de beleza de mulheres negras.....	V
Anexo A.4 – Entrevista sobre trabalho voluntário.....	VII
ANEXO B – RA EM ENTREVISTA.....	X
	XI
ANEXO C – GRUPOS DEDICADOS A AFRODESCENDENTES NO FACEBOOK.....	
ANEXO C.1 FACEBOOK RAÍZES DE MARIA.....	XI
ANEXO C.2 FACEBOOK WE LOVE CARAPINHAS.....	XII
ANEXO C.3 FACEBOOK CRESPAS E CACHEADAS DE PORTUGAL.....	XII
ANEXO C.4 FACEBOOK DA PLATAFORMA GUETO.....	XIV
ANEXO D – PARTICIPAÇÃO DO AUDIOBLOGUE RA NO FESTIVAL ROTAS E RITUAIS 2015.....	XV
ANEXO E - GUIÃO DE ENTREVISTA PARA CARACTERIZAÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	XV
ANEXO F – EXCERTO DA ENTREVISTA EXPLORATÓRIA COM INFORMANTE PRIVILEGIADA.....	XX
	XXII
CURRICULUM VITAE.....	

### **Lista de Quadros**

Quadro 2.1 Principais funções dos media étnicos, segundo os seus representantes.....	13
Quadro 4.1 Comparação do número de seguidores de comunidades negras no Facebook.....	23

Quadro 5.2 Lista de possíveis parceiros e financiadores.....	31
Quadro 5.3 Lista dos membros do projeto AfroLis.....	31
Quadro 5.4 Calendarização das atividades do projeto.....	34

### **Lista de Figuras**

Figura 2.1 Imagem da página inicial da Revista Brasileirinho.....	15
Figura 3.1 Utilização de Internet, por grau de escolaridade (%).....	18
Figura 3.2 População entre os 15 e os 54 anos de nacionalidade estrangeira e portuguesa, por nível de escolaridade completo (2011).....	18
Figura 4.1 Imagem parcial da página inicial do audioblogue RA.....	21
Figura 4.2 Página Inicial do audioblogue Rádio AfroLis.....	23
Figura4.3 Municípios de residência da população estrangeira.....	25

## Introdução

A escassa visibilidade e falta de diversidade das representações dos afrodescendentes nos *media* em Portugal tem sido demonstrada empiricamente (Domingues, 2014:117-155; Cádima e Figueiredo, 2003: 32-56). Tendo em conta este défice de visibilidade social através dos *media*, o projeto AfroLis tem como objeto e desafio uma maior cobertura mediática, através do desenvolvimento do audioblogue Rádio AfroLis (RA)<sup>1</sup>.

Um dos objetivos do audioblogue RA passa por retratar as experiências de afrodescendentes a viver em Lisboa, de modo a dar-lhes voz e evidenciar a sua diversidade. Pretende-se também criar hábitos de enunciação e pronúncia, isto é, gerar um ambiente em que membros deste grupo étnico se sintam confortáveis para refletir e articular sobre a realidade que os rodeia, de modo a intervirem nas suas próprias vidas, praticando a sua cidadania e exercendo o seu direito a comunicar (Bailey, 2008:11).

Arfuch (2002:17) argumenta que, “cada vez mais, as ciências sociais se inclinam para a voz e o testemunho dos sujeitos dando corpo à figura do “ator social”. Os métodos biográficos, os relatos de vida, as entrevistas em profundidade marcam um território bem reconhecível, uma cartografia da trajetória individual – sempre em busca das suas tónicas coletivas.” Ou seja, quando os indivíduos falam sobre si próprios assumem posições perante a história e a sociedade em que se inserem, (re)criam a narrativa do seu próprio “eu”, mas sempre em relação com o mundo exterior, que contribuiu para essa narrativa. Perguntamos, por isso, onde/como se ouvem as narrativas dos afrodescendentes em Portugal? Como podem eles fazer parte da história ou posicionar-se perante ela se as suas histórias não forem visíveis/audíveis?

Uma das tradições que surge como alternativa à exclusão ou à representação deficitária de minorias nos *media* é a dos *meios de comunicação étnicos*. Num exercício de conceptualização, estes *media* são aqueles produzidos por e para imigrantes, minorias raciais, étnicas e linguísticas, assim como populações indígenas a viver em diferentes países<sup>2</sup> (Matsaganis, Katz e Ball-Rokeach, 2011:6). Mas, tendo em conta que estamos cada vez mais dependentes das novas tecnologias, coloca-se a seguinte questão: poderá o potencial de

---

<sup>1</sup> Doravante também referido como RA.

<sup>2</sup> Texto original: “Ethnic media are media that are produced by and for immigrants, racial, ethnic, and linguistic minorities, as well as indigenous populations living across different countries.”

mobilização das redes sociais *online*, por exemplo, associado à tradição dos *media* étnicos ter impacto na visibilidade da população afrodescendente negra em Portugal?

The new *media*, indeed, affect and involve us fully as social and political as well as economic beings. And in questioning their significance the bottom line might be found in use, and in our capacity to mobilize their potential for social and political good. (Silverstone, 1999a: 12)

Segundo Silverstone, acima citado, os *media* têm um impacto sobre vários aspetos das nossas vidas, mas o autor, afastando um determinismo tecnológico, coloca a tónica sobre o uso que lhes damos. O projeto AfroLis procura o bem social e político, na medida em que pretende criar condições para que existam mais alternativas aos *media mainstream* e desenvolver um espaço para novas narrativas, produzidas de forma autónoma e crítica.

Para abordar as questões acima levantadas e delinear o projeto AfroLis, este trabalho dividir-se-á em cinco capítulos. Num primeiro recorte, descrever-se-ão as metodologias adotadas para o desenvolvimento deste trabalho de projeto. No segundo capítulo, far-se-á a contextualização da temática “visibilidade dos afrodescendentes negros nos *media* em Portugal”, apresentando um historial do que tem vindo a ser o interesse pelos afrodescendentes nesta área; suas representações nos *media mainstream* e a possibilidade de representações alternativas através de *media* étnicos. O terceiro momento dedicar-se-á a questões relacionadas com a utilização de Internet em Portugal, averiguando aspetos como o acesso a esse recurso e a noção de esfera pública. No quarto capítulo, apresentar-se-ão as características atuais do audioblogue Rádio AfroLis avaliando as limitações e potencialidades do formato para depois, no quinto capítulo serem apresentadas possibilidades de desenvolvimento através do projeto Afrolis. O capítulo final será, portanto, composto pelas especificidades do projeto Afrolis. Por último, deixar-se-ão algumas considerações finais.

## Capítulo I – Metodologia

Este trabalho de projeto baseia-se numa metodologia predominantemente qualitativa, mas também complementado com técnicas mais quantitativas. Isto porque,

Mixed methods research has come of age. To include only quantitative and qualitative methods falls short of the major approaches being used today in the social and human sciences. (Creswell, 2003: 4)

O problema metodológico da amostragem e representatividade foram uma constante neste estudo, uma vez que as estatísticas discriminadas relativamente a grupos étnicos são proibidas em Portugal:

A Constituição Portuguesa não permite a recolha de dados estatísticos com base na raça, etnia ou cor da pele. Contudo, esta limitação pode ser ultrapassada em casos específicos devidamente fundamentados, por autorização requerida à Comissão Nacional de Proteção de Dados Pessoais. Estas limitações legais assentam em razões históricas e filosóficas relacionadas com a proteção dos direitos humanos que terão de ser conjugadas com uma perspetiva contemporânea das necessidades culturais e socioeconómicas. É por estes motivos que a recolha de dados é uma questão prioritária na agenda política, mas a necessária legislação ainda não foi devidamente adaptada. Por este motivo não podemos dizer que temos indicadores sobre a discriminação étnica e racial. (Carrilho e Figueiredo, 2007:55)

Para a recolha de dados quantitativos e qualitativos, recorreu-se, por isso, diversas vezes a dados estatísticos relativos a comunidades imigrantes, em geral, ou comunidades imigrantes africanas, em particular, para se poder delinear uma aproximação ao que poderia ser aplicável aos afrodescendentes negros, através de um cruzamento de dados. Os dados secundários recolhidos e analisados foram, nomeadamente, dados sobre meios de comunicação étnicos existentes em Portugal e qual a sua finalidade; o tipo de representações disponíveis nos *media* sobre afrodescendentes negros; a relação deste segmento da população com a Internet em termos de utilização.

Elaborou-se, ainda uma lista de instituições, associações e organizações que poderiam ser parceiras ou financiadoras do projeto.

A recolha destas informações foi feito através da:

- 1) consulta de obras bibliográficas, de relatórios oficiais e de páginas da *Web*;
- 2) análise de dados estatísticos e de páginas de grupos de afrodescendentes nas redes sociais, de entrevistas do audioblogue Rádio AfroLis e do próprio audioblogue.

O trabalho de terreno de cariz mais etnográfico e recorrendo à observação serviu para recolher informações sobre atividades que poderiam ser incluídas no plano de atividades do projeto AfroLis. Assistiu-se, por isso, a situações de interação do grupo étnico de afrodescendentes em Lisboa, especialmente em atividades de afirmação identitária. A participação neste tipo de atividades foi também útil para se ter acesso a informantes privilegiados.

Redigiu-se um guião de entrevista semiestruturada para aplicação aos participantes de atividades organizadas pelo do projeto AfroLis, de modo a fazer um perfil dos afrodescendentes que venham a aderir ao mesmo e a poder investir em atividades futuras mais ajustadas ao público-alvo.

Pelo facto de esta pesquisa ter sido acompanhada também por uma componente de observação etnográfica, uma vez que a autora presenciou e participou em várias situações no seu contexto real, verificou-se que, ao longo do seu desenvolvimento houve momentos em que a distinção, entre os métodos de recolha e a análise das informações não foram nítidos, assim como o trabalho empírico e a construção teórica acabaram por não seguir uma ordem cronológica e sequencial (Quivy e Van Campenhoudt, 2008:233-235) andando lado a lado o exercício da recolha de dados com uma vertente mais analítica sobre os mesmos. Foi, portanto, no decurso da investigação e tendo em conta a reflexividade metodológica e hermenêutica que se tomou a decisão de optar por um ou outro método de investigação, consoante a melhor adaptação aos objetivos de investigação.

Todos os passos técnicos e metodológicos acima referidos contribuíram para definir as linhas orientadoras do projeto Afrolis.

## Capítulo II – Afrodescendentes negros nos *media* em Portugal

### 2.1 Visibilidade e sentimentos de pertença

Meaning and representation seem to belong irrevocably to the interpretative side of the human and cultural sciences (...). Later developments have recognized the necessarily interpretative nature of culture and the fact that interpretations never produce a final moment of absolute truth. Instead, interpretations are always followed by other interpretations, in an endless chain. (Hall, 1997: 42)

As representações e os significados resultam num número incomensurável e variável de interpretações, colocamos por isso a seguinte questão: como têm sido representados os afrodescendentes nos *media* portugueses e a que significados, a que interpretações hegemónicas levam essas representações?

A história de Portugal com África e a sua diáspora africana, através do colonialismo e do negócio da escravatura é longa, mas também já não é propriamente recente a história dos africanos como co-cidadãos. No século XVI, por exemplo, cerca de 10% da população de Lisboa era negra (Henriques, 2011:20)<sup>3</sup>. No entanto, os retratos de Lisboa, por exemplo, não deixariam adivinhar esta longa relação. Referindo-se as representações da capital portuguesa em guias turísticos, por exemplo, Carvalho (2014:339) constata o seguinte:

Uma pequena volta pelas agências e pontos de informação turística na baixa lisboeta, ou uma visita as secções dedicadas ao turismo, nas livrarias que registam maior afluência, permite-nos perceber que os negros não são incluídos na imagem dominante da cidade. Uma análise mais aprofundada confirma-nos exatamente isso, mas revela-nos também que embora extremamente raros, existem guias que apresentam, precisamente, uma Lisboa negra, africana (...).

---

<sup>3</sup>“(...) já Cristóvão Rodrigues de Oliveira (1551) constatava a presença de 9950 escravos negros para uma população lisboeta de 100 595 habitantes, isto é 10%.” (Henriques, 2011:20).

Em Portugal os afrodescendentes negros, também têm uma representação fraca nos *media* enquanto grupo étnico e, normalmente, são incluídos no grupo dos imigrantes apesar da lei os considerar portugueses. Cunha (2010) justifica este fenómeno da seguinte forma:

Primeiramente porque as estatísticas oficiais portuguesas registam apenas nacionalidades, e não etnias ou fenótipos. Os registos diretos ou indiretos, por parte do Estado, de dados que permitam tais informações são impedidos por lei, de modo a não reforçar estereótipos (Cabecinhas, 2007) ou a racialização da sociedade. Assim, a existência de grupos étnicos/raciais não é reconhecida formalmente pelo Estado, que reconhece apenas cidadãos. Os cidadãos portugueses incluem, portanto, sem qualquer especificação étnica, ex-imigrantes que adquiram entretanto a nacionalidade portuguesa (*apud* Gomes, 2011:11).

Este facto, o desconhecimento do universo do estudo, levanta desafios no desenho de amostragens fidedignas em trabalhos que queiram focar-se em grupos étnicos, como é o caso deste projeto. É também percecionado como problemático pelas próprias pessoas que apesar de terem nascido em Portugal, não são reconhecidas como portuguesas, como apontam alguns entrevistados do audioblogue RA. A título de exemplo, apresentamos o testemunho de uma jovem nascida em Portugal, filha de pais cabo-verdianos, que se sente portuguesa mas fala sobre alguns aspetos práticos que afastam muitos afrodescendentes de sentimentos de pertença relativamente a Portugal:

“(...) por serem filhos de pais imigrantes, são tratados como imigrantes. Isso é inadmissível. Se tu nasce cá, tens todo o direito e mais algum de ser nacionalizado [naturalizado]. É claro que há leis que temos de respeitar, há a legislação, tudo isso que tem de ser tido em conta, mas estamos a falar de famílias que, às vezes, não têm o tempo necessário para resolver estas questões. Não têm as capacidades necessárias, porque isso exige conhecimento. E muitas das vezes também não têm capacidade financeira para dar resposta às exigências que são pedidas. Então, resulta no quê? (...) Nos estudos... É claro que depois vem a desmotivação ‘Estudar para quê?’; ‘Que futuro é que eu vou ter aqui?’; ‘É o meu país e ao mesmo tempo não é.’ Isto é uma questão que não pode ser tão complexa quanto isto. Quer dizer, se nasceste cá, tu estudas,

tu trabalhas, vais estar aqui com todo o direito como quem é português de cor branca, não é? Não tem que haver diferença.”<sup>4</sup> (Anexo A.1, Entrevistada 1)

Abordar as representações disponíveis dos afrodescendentes negros nos *media* portuguesas torna-se cada vez mais pertinente, uma vez que os meios de comunicação e as representações que estes fazem da realidade têm um papel importante na (trans)formação de identidades e de sentimentos de pertença (Devereux, 2014), dando espaço a novas interpretações e novos significados ao que é ser afrodescendente português. Cunha (2002) enfatiza a influência que os meios de comunicação têm na construção de representações do *Outro* que influencia a imagem que esse mesmo *Outro* tem si mesmo:

Os *media*, mais do que reforçar tendências latentes na sociedade, contribuem para a construção social de discriminação étnica, através das saliências temáticas atribuídas às minorias no contexto de violência e do crime. Ao mesmo tempo que dão visibilidade a estas temáticas, os *media* tendem a apagar os contextos sociais e políticos desses fenómenos, fazendo da exploração das diversas formas de violência (física e simbólica) as imagens de síntese de um grupo em situação de “ilegitimidade social” (*apud* Cádima e Figueiredo, 2003:28).

## 2.2 Representações e interpretações

Em Portugal, o interesse pelos imigrantes como público de televisão ou dos *media*, em geral, é um fenómeno iniciado apenas nos anos de 1990, segundo Cunha (2003). A autora argumenta que Portugal viveu três períodos em que se verificaram diferentes abordagens a assuntos relacionados com imigrantes nos *media*. Segundo a sua análise, o primeiro período – “Entre o Império e a Europa” – teve o seu início em 1992 e estendeu-se até 1995, altura em que Cunha considera que Portugal despertou para as questões da imigração. Nessa fase, a “tensão nas peças e nas matérias – independentemente do quadrante político dos autores – entre um discurso de matriz colonial e um discurso de aproximação às políticas europeias”, eram centrais. De 1995 a 1998, surge o período a que a autora apelidou de “Na Europa com os Quadros de Apoio”. Durante este período, o país assume oficialmente as políticas europeias

---

<sup>4</sup> Anexo A1: entrevistada não será identificada por essa informação não ser considerada relevante para o contexto.

de imigração e, ao mesmo tempo, tende a abrir exceções para satisfazer as necessidades de mão-de-obra exigidas pelo novo modelo de desenvolvimento. “Na rota da Globalização” é o terceiro momento, que compreende os anos de 1999 a 2003, onde se nota “nos discursos públicos – produzidos por jornalistas, líderes de opinião, políticos, membros de associações de imigrantes e ONG – uma progressiva consciencialização dos atores sociais, quanto à dimensão global do fenómeno imigração.” Por fim, atualmente o discurso sobre imigração tende a enfatizar os direitos/deveres de cidadania dos imigrantes legalizados.

Domingues (2014: 117-155), baseando-se no estudo *Media e Construção da Diversidade* em que se realizou uma pesquisa em que se analisaram todos os artigos do jornal diário *Público* que se referissem direta ou indiretamente a imigrantes, minorias étnicas e suas expressões públicas, entre 1996 e 2000, conclui que ao longo dos anos em causa, a temática da produção e diversidade cultural é a que mais se destaca, revelando a importância atribuída à cultura na relação com o *Outro*. O autor considera, no entanto, que essas referências “focam essencialmente o exotismo que África representa.” Todavia, o referido estudo também constata que essa temática tem vindo a perder terreno para o binómio integração-exclusão e aponta para “uma maior visibilidade das limitações da integração socioeconómica e dos processos de marginalização de imigrantes e minorias étnicas.”

Abordando programas vocacionados para comunidades imigrantes na televisão portuguesa, apontamos que, em 2004, surge o programa *Nós* – o primeiro programa a ser emitido pelo canal televisivo de sinal aberto dedicado às comunidades imigrantes a viver em Portugal.<sup>5</sup> Dois anos depois, em 2006, surge o programa *Etnias* do canal privado SIC, com um perfil semelhante. Não obstante e tal como alerta Bourdieu,

Continua a dizer-se, em nome do credo liberal, que o monopólio uniformiza e que a concorrência diversifica. Nada tenho, é claro, contra a concorrência, mas limito-me a observar que, quando se exerce entre jornalistas ou jornais que se encontram submetidos às mesmas coações, às mesmas sondagens, aos mesmos anunciantes (...) a concorrência homogeneiza (Bourdieu, 1997: 17).

---

<sup>5</sup> A produção do programa *Nós*, que terminou em 2014, era da responsabilidade do Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural (ACIDI), que tinha uma parceria com a RTP, canal do Estado, que o transmitia.

Ou seja, apesar de haver alguns espaços específicos para minorias nos *media* portugueses, estes não diversificaram a forma de representá-las. Por um lado, dão visibilidade dentro do que é o discurso sobre a imigração mas, por outro, ignoram as especificidades de cada comunidade abrangida pelo conceito de imigrante.

Um exemplo que poderia ser interpretado como uma mudança de paradigma na forma de representar as minorias é a telenovela do canal privado TVI *A Única Mulher* – “uma história onde dois continentes são unidos pelo amor, pela traição e pela vingança.”<sup>6</sup> – em que a personagem principal é uma mulher negra. A telenovela retrata relações inter-raciais, tematiza o racismo e a relação entre Portugal e Angola, uma ex-colónia. Os afrodescendentes aqui retratados constituem uma elite, são milionários e estão em posições de poder. Poderá esta abordagem significar uma nova tendência em relação à forma de representar pessoas negras na televisão portuguesa? A resposta a esta questão não é linear e depende dos contextos e recursos das audiências, uma vez que a descodificação do discurso televisivo, segundo Hall (2006:172-173), não é previsível, apesar da existência de leituras preferenciais. A leitura de uma mesma mensagem televisiva pode ser feita num *continuum* a partir de três posicionamentos diferentes:

- 1) a posição hegemónica-dominante, que se verifica quando a audiência interpreta o sentido do programa televisivo de forma direta e assume o chamado código dominante;
- 2) a posição do código negociado, que se verifica quando o telespectador reconhece a legitimidade das definições hegemónicas dos acontecimentos em geral mas, ao mesmo tempo, reserva um espaço para um posicionamento crítico sobre temas específicos;
- 3) a posição do código de oposição (*oppositional code*), que se verifica quando a audiência faz uma leitura da mensagem completamente contrária ao que seria a preferencial. (ibid.)

Numa entrevista ao audioblogue RA, um ator angolano, que mantemos no anonimato, expressa sua insatisfação com a indústria do entretenimento que continua a não ter papéis para negros, revelando uma posição que poderíamos identificar com a do código de oposição (*oppositional code*):

---

<sup>6</sup> Segundo a informação do *site* da telenovela <http://tviplayer.iol.pt/programa/a-unica-mulher/54f9c2bb0cf242bc65d670fa>

**Entrevistado 2:** Pode-se fazer televisão como preto, mas é um em dez, sabes. Não há protagonistas. Não há apostas regulares. Não há... as pessoas não escrevem para pretos. As pessoas têm de adaptar papéis de brancos para pretos. Ou então quando querem efetivamente abordar um tema, não é? Como, agora está a passar uma novela na TVI...

**RA:** *A Única Mulher?*

**Entrevistado 2:** Sim. E mesmo assim eu acho que se está a abordar o racismo, no caso da novela, de uma forma banal. Porque podíamos ser mais profundos. Quem tem o poder de abordar podia sempre preferir ir por outros caminhos, porque nós precisamos, sabes. (Anexo A.2);

Ou seja, a visibilidade nem sempre faz com que as pessoas representadas sintam que essa representação lhes pertence, pois a sua leitura das mensagens transmitidas é outra.

Uma atriz da novela *A Única Mulher*, a quem aqui nos referimos como entrevistada 3, que é também a primeira atriz negra a ser protagonista com posição de relevo numa novela portuguesa em horário nobre e em televisão generalista, acredita, pelo contrário, que o facto de estar nesta posição é um sinal de uma nova tendência e que tem provocado reações positivas na comunidade negra:

**Entrevistada 3:** Eu acho que os ex-colonizadores têm esse problema, ou tiveram esse problema durante muitos anos que é fazerem-te sentir mal por seres diferente. E agora, de repente, é aceite. E vemos afros<sup>7</sup> na televisão e vemos afros a apresentar jornais e essa tendência está a vir cá para Portugal. E eu fico feliz quando vejo criancinhas com os seus afro<sup>8</sup> assumidos e as mães dizem que eu tive alguma influência ou que alguém teve alguma influência nessa decisão. E obviamente que isso me enche o coração. (Anexo A3)<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> Pessoas negras/africanas

<sup>8</sup> Cabelo de pessoas africanas sem tratamento químico.

<sup>9</sup> Testemunho dado numa entrevista para o RA durante o 2º Encontro de Crespas e Cacheadas de Portugal, um encontro de mulheres negras que deixaram o tratamento químico do cabelo e passaram a usar os seus cabelos naturais ou “afro”. “O 2º encontro de “Crespas e Cacheadas de Portugal” contou com lotação esgotada e com a presença de outros *bloggers*, tais como “Maria Ramos”,

Este posicionamento enquadra-se numa leitura feita a partir do código negociado pois, apesar de manter um espírito crítico, a atriz reconhece certos aspetos que poderiam fazer parte da leitura preferencial. Isto é, que há espaço para a diversidade na televisão portuguesa, pelo facto de ela, uma mulher negra, ser a protagonista de uma telenovela.

A participação do cantor angolano Anselmo Ralph, que conquistou muitos fãs em Portugal, com várias músicas transmitidas nas rádios do país e diversas salas de espetáculo esgotadas, como júri no programa de entretenimento “A Voz de Portugal”<sup>10</sup>, poderia suscitar uma leitura a partir da posição hegemónica-dominante. Por se tratar de um músico com bastante sucesso em Portugal e em Angola, a sua participação no programa de entretenimento poderia ser interpretada, pela maioria dos telespectadores, como decorrente desse sucesso. Estas são hipóteses aqui levantadas de forma empírica e teriam de ser testadas com maior profundidade, todavia, a título ilustrativo pareceram-nos pertinentes para a compreensão das três leituras propostas por Hall (ibid.).

Para Moscovici (1984) a formação de representações sociais implica dois processos: a *objetivação* e a *ancoragem*. A objetivação seria o processo em que conceitos abstratos são tomados como realidades concretas. Moscovici (ibid.) defende que "objetivar é reproduzir um conceito numa imagem" até que "essa imagem se converta num elemento da realidade em vez de só ser um elemento do pensamento". A ancoragem, por seu turno, é o processo em que se reconhecem objetos não familiares com base em categorias familiares, porque, ao classificar, "revelamos nossas teorias sobre a sociedade e o ser humano" (Moscovici, 1976: 34).

Ao desenvolver a sua teoria, Moscovici, destaca três tipos de representações sociais:

- 1) representações sociais hegemónicas: representações largamente partilhadas, não discutíveis e que constituem os pilares de uma sociedade;
- 2) representações sociais emancipadas: produzem-se nas relações intergrupais, e permitem diferenciar os grupos divergentes;

---

“Simplesmente Mónica” e “We Love Carapinha”. Todos os participantes tiveram acesso a dicas de maquilhadoras, aconselhamento e análise capilar por parte das marcas de produtos especializados, entre outras surpresas.” Disponível em: <http://activa.sapo.pt/famosos/2015-08-13-Ana-Sofia-Martins-no-2-Encontro-de-Crespas-e-Cacheadas-de-Portugal>, acesso a 15 de agosto de 2015.

<sup>10</sup> Concurso de procura de talentos *The Voice Portugal* transmitido pelo canal público RTP1.

- 3) representações sociais polémicas: correspondem a visões divergentes entre grupos com interesses opostos e posicionamentos diferentes face ao objeto da representação (Moscovici, 1988, *apud* Cádima e Figueiredo, 2003: 24-25).

Pode, portanto, concluir-se que as *representações sociais* podem gerar dinâmicas de aproximação e afastamento consoante o grau de identificação de determinados grupos em relação às mesmas, criando formas de manter, negociar ou contestar posições de domínio cultural num processo de comunicação, assim como coloca Bourdieu:

(...) a cultura que une (intermediário de comunicação) é também a cultura que separa (instrumento de distinção) e que legitima as distinções compelindo todas as culturas (designadas como subculturas) a definirem-se pela sua distância em relação à cultura dominante (1989: 11).

### **2.3 *Media* étnicos e suas funções**

Ao longo deste capítulo, fizemos uma breve descrição do que tem sido o investimento nas representações dos afrodescendentes nos *media* em Portugal. Observámos que, para além de serem escassas, essas representações podem ser essencialistas e redutoras por se centrarem essencialmente na experiência da imigração, ou, apesar de saírem do discurso da imigração, ignorarem a diversidade e as especificidades de cada comunidade representada. Mas identificámos também novos investimentos na representação de minorias negras com o exemplo da telenovela *A única Mulher* e o caso de Anselmo Ralph como júri de um programa de entretenimento<sup>11</sup>.

Perante este cenário de representações de negros nos *media* portuguesas é importante na criação de espaços alternativos nos quais as minorias se possam sentir representadas como uma estratégia para o aumento de sentimentos de pertença dos grupos sociais em questão.

De acordo com Matsaganis, Katz e Ball-Rokeach (2011), a *Gazette de Leyde* foi um dos primeiros exemplos de *media* étnicos. Tratava-se de um jornal publicado nos finais dos

---

<sup>11</sup> Nota: de salientar que existem e existiram também outros exemplos da presença de profissionais negros nos *media* portuguesas como, seria de esperar, mas são pouco visíveis como menciona o artigo de Paulo Mouro no jornal *Público* “*Onde está o poder negro em Portugal?*”. Disponível em: <http://www.publico.pt/temas/jornal/onde-esta-o-poder-negro-em-portugal-264985>, acesso a 16 de outubro, 2015.

anos 1600, na Holanda, para um público francês. Na altura, protestantes franceses que estavam refugiados na Holanda por causa da perseguição da Coroa Católica em França, mantinham-se informados acerca da política e de outros assuntos do seu país através daquela publicação. Segundo Salim (2008: 51), “os meios de comunicação étnicos, por representarem a realidade do imigrante, são vistos como muito críveis pelas comunidades. Por serem direcionados para um certo tipo de público específico, funcionam como algo próprio a cada grupo, servindo como uma espécie de refúgio.” Os *media* étnicos satisfazem este tipo de necessidades, por um lado, mas também podem informar os imigrantes sobre assuntos que dizem respeito à sua situação no país de acolhimento, por exemplo. Esta última função dos *media* étnicos, é um dos instrumentos para fomentar o diálogo intercultural, na medida em que possibilita ao imigrante/grupo minoritário ganhar mais conhecimentos acerca dos seus deveres e direitos no novo território. Salim (2008:46) apresenta um quadro, com uma listagem de meios de comunicação étnicos existentes em Portugal e as suas funções, segundo os seus representantes:

<b>Meios étnicos</b>	<b>Funções do meios</b>
Jornal <i>Sabiá</i>	Apoiar o imigrante nos aspetos ligados aos direitos de permanência e outros dos imigrantes.
Revista <i>O Brasileirinho</i>	Informar o imigrante sobre os aspetos relacionados com a comunidade brasileira em Portugal; aproximar o imigrante brasileiro, dentro da sua comunidade.
Revista <i>Real</i>	Informar o imigrante sobre os aspetos relacionados com a comunidade brasileira em Portugal; aproximar o imigrante brasileiro, dentro da sua comunidade.
Revista <i>Brasil</i>	Função de entretenimento.
Site <i>Tupiniquim</i>	Promover uma maior integração dos imigrantes, através da troca de informação on-line.
Rádio Tropical (95.3 FM)	Função de entretenimento e divulgação da cultura brasileira.
Jornal <i>Actualitatea Romaneasca</i>	Apoiar o imigrante romeno e moldavo, no que concerne aos seus direitos e deveres no país de acolhimento, através de informação dada na língua materna do imigrante; promover uma maior integração do imigrante entre a sua comunidade e o país anfitrião.
Jornal <i>Diáspora Romaneasca</i>	Apoiar o imigrante romeno e moldavo, no que concerne aos seus direitos e deveres no país de acolhimento, através de informação dada na língua materna do imigrante; promover uma maior integração do imigrante entre a sua comunidade e o país anfitrião.

Jornal <i>Slovo</i>	Apoiar o imigrante russófono; manter o imigrante mais informado acerca de Portugal e do seu país natal, no idioma falado pelo imigrante; tornar a vida deste mais confortável em Portugal, através de informação útil à sua condição de imigrante e de aspetos gerais da vida do imigrante da antiga União Soviética.
Jornal <i>Vremehko</i>	Fornecer informações no que concerne a vida do imigrante russófono, com especial enfoque para as mulheres imigrantes.
Programa de rádio <i>Tchas Ob Veem</i>	Ser um guia do imigrante russófono. Manter o imigrante mais informado acerca de Portugal e do seu país de origem, através da informação fornecida na língua do imigrante; apoio psicológico ao imigrante. Facilitar o dia-a-dia do imigrante em Portugal.
Jornal <i>Maiak Portugali</i>	Ajudar o imigrante russófono, fornecendo informações úteis relativamente ao seu quotidiano em Portugal, e no seu idioma; criar uma ligação entre os imigrantes e Portugal, os imigrantes e seus países de origem.
Jornal <i>Angola Magazine</i>	Criar um espaço voltado para a comunidade angolana e amigos de Angola, onde os imigrantes possam sentir-se representados; dar espaço e voz a quem não tem; servir de meio reivindicativo dos direitos do imigrante.
Jornal <i>Sino</i>	Fornecer informações úteis e importantes para os imigrantes chineses, na sua língua materna, para que estes estejam mais informados e, por consequência, menos isolados da sociedade portuguesa.

Quadro 2.1 Principais funções dos *media* étnicos, segundo os seus representantes<sup>12</sup>

Para além de mostrar as principais funções dos *media* étnico em Portugal, segundo os seus representantes, o quadro acima mostra que as novas tecnologias de informação e comunicação não têm sido muito utilizadas pelos produtores dos meios de comunicação étnicos em território português. Apenas a comunidade brasileira tinha portais *online* na altura.

<sup>12</sup> Salim, Isabela (2008), *Os meios de comunicação étnicos em Portugal*, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.



Figura 2.1 Imagem da página inicial da Revista *Brasileirinho Online*<sup>13</sup>

Estes *media* têm características diferentes no que respeita a sua distribuição e edição (local ou nacional, internacional; própria ou através de uma distribuidores contratadas, etc.). Mas se as novas tecnologias são um instrumento que facilita a distribuição, obtenção e produção de conteúdos, por que motivo são tão pouco utilizadas pelos *media* étnicos em Portugal? A este respeito vale a pena lembrar as palavras de Silverstone:

New technologies, in their supposed novelty, have to be tested not just against the old, but in the context both of the past and present, against the social and the human. Virtual space has to be seen as an expression of the real, not only, or necessarily, as its transcendence. The power that we know to be exercised within global capitalism cannot just simply be ignored once we enter the new age and venture into cyberspace. Knowledge is still grounded in experience. (1999b: 12)

Afastando determinismos, Silverstone lembra que a questão da experiência real é um ponto bastante relevante quando se fala do que trazem de novo nas novas tecnologias. Não é um instrumento que vai, necessariamente, mudar a realidade em si e por si só, mas sim o uso que se faz do mesmo.

Matsagnis, Katz e Ball-Rkeach (2011: 256), argumentam que no que se refere à produção, os *media* étnicos, geralmente, adaptam-se mais lentamente às mudanças tecnológicas do que os *media mainstream*. As razões para justificar esta situação, podem ir desde a falta de

<sup>13</sup> Fonte: Publicação Online, disponível em: <http://www.revistaobrasileirinho.com/>

capacidade para criar e manter conteúdos *online*, à sensação, por parte dos produtores, que estão a servir comunidades que não se ligam à Internet, até à resistência ou medo de mudanças.

## Capítulo III - Utilização de Internet em Portugal

### 3.1 Acesso

Van Dijk e Hacker (2000) argumentam que apesar de existirem, é complexo descrever as desigualdades digitais (*digital divide*) que se relacionam com a questão do acesso. Acesso nesta abordagem, não se refere apenas ao facto de as pessoas possuírem ou não um computador e uma ligação à Internet. Van Dijk (1999<sup>a</sup> *apud* Van Dijk e Hacker 2000) destaca 4 tipos de acesso:

- 1) Acesso psicológico/motivacional – falta de qualquer tipo de experiência digital causada pela ausência de interesse, medo de utilizar o computador e falta do gosto pelas novas tecnologias;
- 2) Acesso material – não possuir um computador ou uma ligação à Internet;
- 3) Acesso às competências – falta de competências digitais causadas por familiaridade insuficiente como usuário e apoio educacional ou social inadequado;
- 4) Acesso à utilização – falta de oportunidades de uso significantes.

A utilização da Internet tem aumentado a uma escala global e em Portugal essa disseminação também se verifica. Contudo, coloca-se igualmente neste contexto a questão do acesso e usos das novas tecnologias que, pela sua complexidade, é avaliado segundo vários aspetos (Van Dijk e Hacker, 2000). Tendo em conta que a nossa proposta sugere que o uso das novas tecnologias, associado aos *media* étnicos poderia contribuir para o aumento da visibilidade dos afrodescendentes negros nos *media*, quisemos averiguar a taxa de utilização de Internet por esse grupo em Portugal. Mais uma vez, perante a falta de dados estatísticos acerca da população negra residente em Portugal, optámos por cruzar as informações já existentes sobre a população portuguesa em geral, para colocar uma hipótese sobre o que seria a taxa de utilização de Internet dos afrodescendentes negros a residir em território português.

O relatório *Sociedade em Rede. A Internet em Portugal 2012* do Obercom (Observatório de Comunicação) refere-se à utilização de Internet pelos portugueses em 2011 (Paisana e Lima 2012:), tendo em conta diferentes variantes (idade, género, ocupação profissional, grau de escolaridade, etc.). Escolhemos a variante “grau de escolaridade” para

inferir o que poderia ser aplicável à população negra. O referido relatório conclui, para esta variante, que quanto mais elevada a escolaridade, maior a taxa de utilização de Internet.



Figura 3.1 – Utilização de Internet, por grau de escolaridade (%)

Contrastando estes dados com os dados do INE (2011) sobre o grau de escolaridade da população estrangeira em Portugal, e partindo do princípio que o padrão de utilização de Internet se repete, a taxa de utilização de Internet dos afrodescendentes, que estão incluídos na população estrangeira, seria relativamente baixa, uma vez que, em todas as fases de escolaridade, os imigrantes revelam taxas mais baixas de escolaridade que os portugueses.

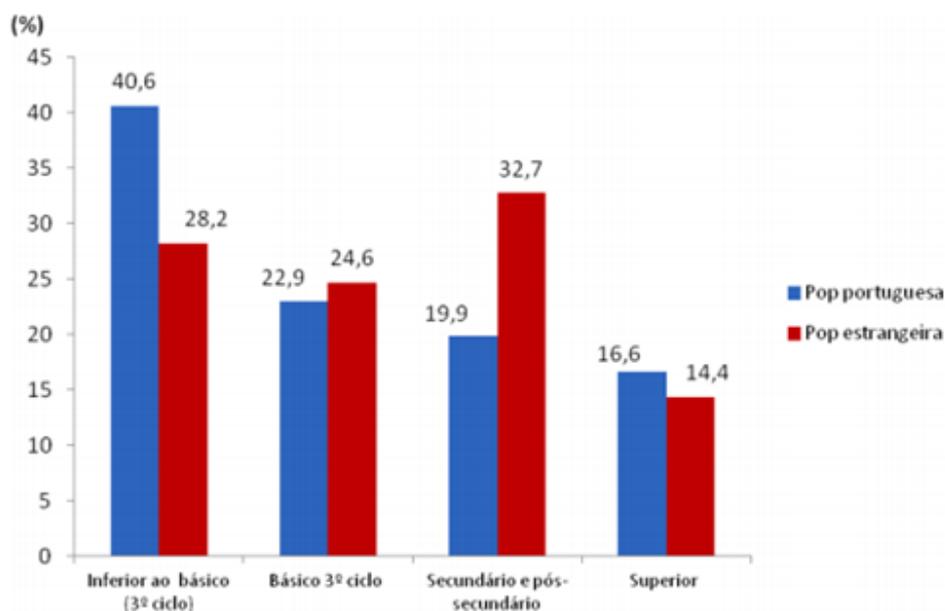


Figura 3.2 População entre os 15 e os 54 anos de nacionalidade estrangeira e portuguesa, por nível de escolaridade completo (2011)<sup>14</sup>

<sup>14</sup> Fonte: Instituto Nacional de Estatísticas (INE).

No entanto, Correa e Jeong (2011) referindo-se ao caso dos Estados Unidos da América, apontam as minorias negras e latinas como tendo maior tendência para a criação de conteúdos *online* de natureza de autoexpressão em relação à população branca, como é o caso do audioblogue RA. Para os autores, a justificação pode relacionar-se com o facto de estes grupos terem sido histórica, política, económica, social e tecnologicamente subordinados e procurarem, por isso, novos espaços de expressão. Neste contexto, as novas tecnologias poderiam, por um lado, ser um reforço para o potencial de “refúgio” dos *media* étnicos referidos por Salim (2008) e, por outro lado, poderiam também representar uma forma de contrapoder exercido sem influências comerciais ou estatais (Bailey, 2008: 18), seguindo a filosofia dos *media* alternativos, numa lógica tanto de oposição como de complementaridade aos meios de comunicação *mainstream*.

### **3.2 Esfera pública**

Segundo Habermas (2003), “a esfera pública pode ser descrita como uma rede adequada para a comunicação de conteúdos, tomadas de posição e opiniões; nela os fluxos comunicacionais são filtrados e sintetizados, a ponto de se condensarem em opiniões públicas compiladas em temas.” A esfera pública teria a sua base num modelo que, apesar de não se encontrar necessariamente, no mundo real, seria um mundo possível, sobre o qual os membros do público acordariam em atuar, através de ações comuns e experiências partilhadas, procurando legitimá-las.

Building the knowledge space will mean acquiring the institutional, technical and conceptual instruments needed to make information navigable, so that each of us is able to orient ourselves and recognize others on the basis of mutual interests, abilities, projects, means, and identities within this new space. The deliberate creation of a system of expression for the knowledge space will enable us to correctly express, and perhaps even resolve, a number of crucial problems that we are currently unable to formulate adequately with the concepts and tools that have been used to express preceding spaces (Lévy, 2001: 257).

Ao criar-se a potencialidade para a formação de um espaço para a circulação de ideias entre grupos de pessoas que começam a repetir discursos sobre determinados assuntos ou produtos.

Appadurai (1996: 10) abordando esferas públicas da diáspora (*diasporic public spheres*), descreve-as como sendo locais de encontros que fazem parte da cultura urbana na maior parte dos países e continentes, nos quais a migração e a mediação em massa constituem um novo sentido de modernidade e a modernidade um novo sentido do global. Essas transformações, argumenta ainda o autor, não são apenas um facto cultural, estão também profundamente ligadas à política através das novas formas de relacionamentos, interesses e aspirações que, cada vez mais, atravessam as fronteiras dos países. Criam-se canais de televisão por satélite que ligam comunidades na diáspora e a Internet potencia comunidades globais, agregadas em torno de interesses partilhados. Como consequência deste desenvolvimento tecnológico têm-se verificado manifestações globais em momentos de grande tensão, como se sucedeu com o movimento *Bringbackourgirls*<sup>15</sup>, por exemplo. Contudo, a participação nestes movimentos implica o acesso às e algum domínio das novas tecnologias que potenciam o alargamento desta esfera pública da diáspora.

O audioblogue RA foi criado para que afrodescendentes negros tivessem um espaço para contar e produzir e divulgar as suas histórias e pauta-se pela busca de uma cidadania ativa, todavia, a única forma de chegar ao seu público-alvo é através de novas tecnologias. Essa dependência pode comprometer objetivo do audioblogue, uma vez que a participação do público-alvo implica o acesso, literacia e o domínio dessas tecnologias, daí ser imperativo capacitar os destinatários das mensagens produzidas.

---

<sup>15</sup> “Bring back our girls” foi uma campanha iniciada nas redes sociais após o rapto de 276 raparigas pelo grupo islamista Boko Haram, na Nigéria, em abril de 2014. A campanha atingiu tal nível que até a primeira-dama dos Estados Unidos da América, Michelle Obama, fez parte do apelo.

## Capítulo IV - Apresentação do audioblogue Rádio AfroLis



**Figura 4.1:** Imagem parcial da página do audioblogue RA com a foto de vários eventos em que a equipa do RA esteve

O audioblogue Rádio AfroLis<sup>16</sup> é uma tentativa de resposta à questão da invisibilidade dos afrodescendentes nos *media* e na sua cidade, Lisboa. O nome junta AfroLis e uma junção do “Afro” de afrodescendentes ao “Lis” de Lisboa para formar a palavra “AfroLis”. É um espaço *online* de divulgação e de partilha de conhecimentos e experiências de vida, dedicado a comunidades afrodescendentes, feito por afrodescendentes a viver em Lisboa, seguindo a tradição dos meios de comunicação étnicos. O audioblogue RA pretende oferecer às comunidades

afrodescendentes um microfone para que as suas vozes se tornem audíveis, na esperança de contribuir para que elas exerçam o seu

direito a comunicar.

Trata-se de programas de cerca de vinte minutos em que os afrodescendentes falam para e sobre as suas comunidades. Todas as quintas-feiras é publicada uma entrevista previamente gravada com, na maioria das vezes, um membro do grupo-alvo que tenha uma experiência de vida ou profissional inspiradora.

### 4.1 Abordagem dos temas

A abordagem das entrevistas é maioritariamente biográfica, excetuando quando se trata claramente da divulgação de um evento ou da exploração de um determinado tema. No entanto, a tónica é sempre colocada na experiência de pessoas negras em contexto minoritário.

### 4.2 Seleção dos convidados e temas

No que se refere à seleção dos convidados, nem todos são negros ou das comunidades afrodescendentes em Lisboa. Há a preocupação de incluir as perspetivas de pessoas de qualquer etnia que se debrucem sobre temáticas relacionadas com comunidades negras, para que os pontos de vista explorados sejam diversificados, mas nunca se afastando dos interesses do público-alvo.

---

<sup>16</sup> Morada eletrónica do audioblogue Rádio AfroLis: <http://radioafrolis.com/>

Os temas são, maioritariamente, intemporais, apesar de, por vezes, também se abordarem temas atuais. A seleção das temáticas é feita através da sugestão de temas por membros da equipa do RA, pesquisas na *web* e propostas de seguidores.

### **4.3 Processo de gravação dos áudios, publicação das entrevistas e fotos**

As entrevistas são gravadas em ambiente informal, muitas vezes em casa dos entrevistados (Anexo B), nos espaços onde acontecem eventos ou no espaço de ocupação de tempos livres IntendArte<sup>17</sup>, que cede uma sala à equipa do RA para o efeito sempre que solicitado. Posteriormente, passa-se à fase da edição do áudio, para que a entrevista não ultrapasse os vinte/vinte e cinco minutos, uma vez que as gravações, muitas vezes, acabam por ultrapassar os cinquenta minutos. Para a colocação do áudio na plataforma *Soundcloud*, é também necessária uma fotografia que ilustre e acompanhe o áudio, para um maior impacto da publicação e os seguidores reterem o rosto dos entrevistados, criando maior empatia e um maior sentido de identificação. As fotografias são, normalmente, tiradas pelo fotógrafo do RA, que também cria álbuns para a página do *Facebook* e do *Instagram*.

### **4.4 Plataformas de acesso e conteúdos disponíveis**

Os ficheiros áudio editados são colocados na plataforma *Soundcloud* e republicados no *Wordpress* que aloja o audioblogue, assim como no *Facebook*. Foram também ativadas contas no *Twitter* e no *Instagram*. Os interessados podem aceder gratuitamente aos conteúdos, deixar as suas sugestões para novos programas e comentar os conteúdos existentes através de todas as plataformas.

O audioblogue é de fácil uso e na página inicial existem diferentes secções com as seguintes informações:

- a) **Sobre** o projeto AfroLis, a equipa, contactos, informações sobre o programa do dia e um arquivo com todos os programas anteriores;
- b) Rubrica **Nós nos Livros** – sugestão de livros sobre afrodescendentes ou escritos por afrodescendentes feita pelos seguidores e convidados.

---

<sup>17</sup> O projeto IntendArte-E5G foi criado em Janeiro de 2013 e tem a sua sede no Largo do Intendente. Intervém junto de comunidades socialmente e economicamente desfavorecidas. Procura oferecer atividades lúdico-pedagógicas a todos os seus participantes, de forma a melhorar as competências psicossociais. Envolve participantes desde os 6 até aos 30 anos.

- c) Rubrica *PéKáPéLá – Revisitando Africanidades* – reflexões e relatos, através de fotos ou textos da autoria dos seguidores, sobre momentos em que se esteve entre Africa e a Europa ou um outro continente.



Figura 4.2: Página Inicial do audioblogue Rádio AfroLis

#### 4.5 Seguidores em números

Os números de seguidores das diferentes plataformas utilizadas pelo audioblogue RA são satisfatórias, quando comparados aos números de outras plataformas que também se dedicam a temas relacionados com comunidades negras.

Páginas de Facebook	Número de Seguidores	No Facebook desde...
Audioblogue Rádio AfroLis	+ 1500	2014
Raízes de Maria (Anexo C.1)	+2500	2014
We Love Carapinhas (Anexo C.2)	+ 2000	2015
Crespas e Cacheadas de Portugal (Anexo C.3)	+ 9000	2013
Plataforma Gueto (Anexo C.4)	+ 3000	2012

Quadro 4.1 – Comparação do número de seguidores<sup>18</sup> de páginas com conteúdos para comunidades negras no Facebook (2012-2015)

O critério de escolha de páginas do Facebook para esta comparação foi o facto de ser a única plataforma que todos os projetos têm em comum, indo de encontro à tendência relativamente à utilização de redes sociais em Portugal revelada pelo Obercom<sup>19</sup>, em que se verifica que 98,0% dos internautas portugueses utilizadores de redes sociais têm perfil criado na rede Facebook.

A natureza dos grupos é diferente e a variação do número de seguidores pode relacionar-se, precisamente, com este facto. Os grupos *Raízes de Maria*, *We Love Carapinhas e Crespas e Cacheadas de Portugal* dedicam-se à estética do cabelo africano, apesar de também abordarem temas que se relacionam com questões de identidade (em especial o blogue *Raízes de Maria*). Todavia, o grupo que mais se destaca em termos de seguidores, *o Crespas e Cacheadas de Portugal*, tem um aspeto diferenciador de todos os outros porque também vende/promove produtos de tratamento capilar, organiza passatempos em que oferece esses mesmos produtos e organiza encontros em que reúne vários adeptos da estética do cabelo africano natural. Os grupos do audioblogue RA e da *Plataforma Gueto* dedicam-se a temas sociais, sendo que o último coloca uma tónica mais forte na denúncia de injustiças sociais e raciais. E apesar de ser o grupo com mais tempo (ativo desde 2012), o número de seguidores não é o mais elevado.

Esta comparação, não sendo representativa, indica, todavia, um interesse acrescido por temáticas relacionadas com a estética, por parte das comunidades afrodescendentes.

#### **4.6 Porquê Lisboa?**

A escolha da cidade de Lisboa, como cenário das narrativas para o audioblogue RA, justifica-se com a localização geográfica dos produtores e do público-alvo. Segundo dados do INE, Instituto Nacional de Estatística, grande parte da população de nacionalidade estrangeira vive em Lisboa, e os afrodescendentes não são exceção – como se pode verificar na figura 4.3.

---

<sup>18</sup> Números de outubro de 2015.

<sup>19</sup> Cardoso, Gustavo et. al. (2014), *Internet em Portugal – Sociedade em Rede 2014*, Lisboa, Obercom (Observatório da Comunicação) Disponível em: [http://www.worldinternetproject.net/files/Published/oldis/338\\_internet\\_portugal\\_2014.pdf](http://www.worldinternetproject.net/files/Published/oldis/338_internet_portugal_2014.pdf), acesso a 17 de outubro de 2015.

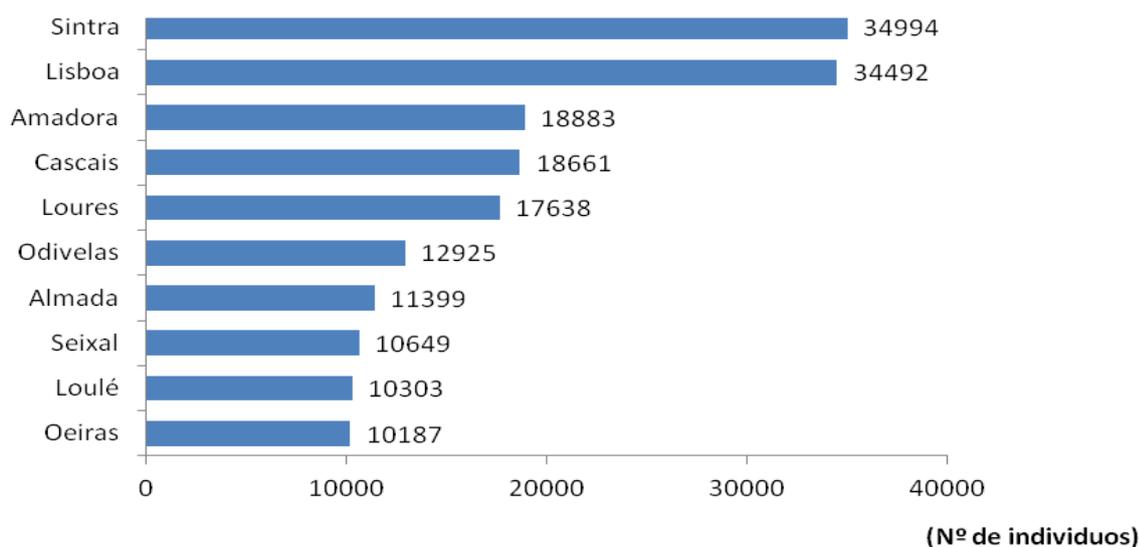


Figura 4.3 - Municípios de residência da população de nacionalidade estrangeira (2011)

Em consonância com o anterior, o INE realizou também uma análise geográfica que revelou que a população oriunda dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) se concentra sobretudo na área da Grande Lisboa, e principalmente nos municípios de Sintra e Amadora. Cerca de 35% do total da comunidade cabo-verdiana, 37,3% dos cidadãos da Guiné-Bissau e 26,6% dos angolanos. Estes dados justificam a relevância de, na criação de conteúdos que se relacionem com a população afrodescendente, a fonte para as narrativas do audioblogue RA ser a capital portuguesa, apesar de os dados apresentados se referirem às populações estrangeiras em geral. Mas, ainda assim, a proposta do RA direciona-se especificamente a afrodescendentes, por estes terem uma fraca representação nos *media*, tornando-se este segmento da população, um alvo tanto para o incentivo da partilha da de experiências, como para o investimento na capacitação para que possam produzir os seus próprios conteúdos.

A centralidade naquilo que é local, como fonte de narrativas e inspiração para um discurso espacial, implica o acesso a múltiplas histórias críticas das comunidades (Moyo, 2012: 490) revelando um alcance privilegiado a esse universo, o que Mosse (2001) talvez resumisse como “*Local knowledge’ reflects local power.*”. Aqui o conhecimento local, que reflete o poder local, vai de encontro a um dos objetivos do RA, que é o *empowerment* das comunidades negras a partir da partilha de conhecimentos sobre a própria comunidade.

Carvalho (2006) aponta a cultura como uma das estratégias mais adotadas para o retrabalhar de representações coletivas<sup>20</sup> baseando-se na premissa de Elias (1994:p. xxix *apud* Carvalho, 2006:349) que argumenta que “a posse de uma tradição cultural própria, enquanto coletivo, constituiu um dos fatores que pode modificar o impacto da situação junto dos membros de um grupo *outsider*.” Essa cultura coletiva tem, no entanto, de ser divulgada. “Esse esforço na divulgação pode passar também pelo apontar da origem africana de determinada figura cultural ou histórica de Lisboa – como sinal de africanidade da cidade.” (ibid.). As narrativas contadas pelos afrodescendentes no RA, poderão também ser relevantes para a compreensão da própria cidade de Lisboa, através da exposição de diferentes visões da mesma.

---

<sup>20</sup> Citando Martin, Joann (1993) “Contesting Authenticity: Battles over the. Representation of History in Morelos”, Mexico, *Ethnohistory* 40 (3), pp. 438-465.

## **Capítulo V – Projeto AfroLis**

Nos pontos abaixo apresentar-se-á o projeto AfroLis que vai ser levado a cabo por um grupo informal de profissionais voluntários, inspirado nos princípios que levaram à criação do audioblogue RA. Por um lado, pretende-se aumentar a interação direta com o público-alvo e a sua participação, e, por outro, procura-se diversificar as plataformas de divulgação dos conteúdos produzidos. Trata-se de uma fase de capacitação mediática de comunidades afrodescendentes negras a viver em Lisboa.

### **5.1 Objetivos**

#### **5.1.1 Objetivos gerais**

Reforçando, o Projeto AfroLis procura dar visibilidade a narrativas alternativas de comunidades afrodescendentes negras em Lisboa e incentivá-las a exercerem o seu direito a comunicar. Um objetivo central é a capacitação de comunidades negras para que elas possam criar os seus próprios meios de comunicação, tanto online como em media tradicionais de forma autónoma, mas com a possibilidade da criação de uma rede de partilha de experiências e de informação sobre os afrodescendentes em Lisboa. Pretende-se também consciencializar a sociedade portuguesa, em geral, da importância de um pensamento crítico em relação aos conteúdos mediáticos, através da partilha de entrevistas áudio, vídeos, artigos e links, mas também através de ações de formação e da organização de eventos culturais.

#### **5.1.2 Objetivos específicos**

- 1) Envolver membros das comunidades afrodescendentes na produção de conteúdos mediáticos e sensibilizá-los para a utilização das novas tecnologias através de ações de formação, procurando aumentar os graus de literacia e envolvimento com as tecnologias de informação e comunicação.
- 2) Fomentar o exercício da cidadania através da produção mediática.
- 3) Promover o património cultural dos afrodescendentes a viver em Lisboa através de ações de aproximação das comunidades.
- 4) Apoiar iniciativas de promoção da autoafirmação dos afrodescendentes negros em qualquer parte do mundo.
- 5) Envolver a sociedade civil portuguesa a participar de debates sobre minorias no país.

## 5.2 Público-alvo

O Projeto AfroLis tem como público-alvo, afrodescendentes negros de todas as idades e classes sociais a viver em Lisboa, considerados um grupo de risco em termos de discriminação<sup>21</sup>. Por ser um segmento da população bastante difícil de quantificar, em termos de condições sociais, económicas e educacionais, as atividades a desenvolver terão de ser customizadas, tendo em conta os grupos com os quais se vai trabalhar. Organizaremos, por isso, atividades adequadas para cada grupo etário (crianças, jovens e adultos) e por condições sociais (bairros, universidades, locais conotados como multiculturais<sup>22</sup>), procurando sempre criar oportunidades para a interação entre os grupos.

## 5.3 Desenvolvimento de públicos<sup>23</sup>

Moyo (2012), referindo-se a rádios comunitárias no Zimbabué, descreve a participação como sendo um processo que implica o envolvimento direto e autónomo dos cidadãos na mediação das suas experiências sociais. Ou seja é preciso criar um ambiente para que as pessoas se envolvam e se forme um público<sup>24</sup>.

O relatório “Audience building and the future Creative Europe Programme”<sup>25</sup>, documento produzido pela Rede Europeia de Peritos em Assuntos de Cultura (European Expert Network on Culture - EENC), apresenta uma série de recomendações para instituições europeias, relacionadas com estratégias a adotar para fomentar o desenvolvimento de públicos

---

<sup>21</sup> “O conceito de discriminação usado, de difícil definição, tem subjacente as duas diretivas da EU ”Race Equality and Employment Equality” assentes nos seguintes critérios:

- Discriminação direta, na qual uma pessoa é tratada menos favoravelmente do que outra é, ou tenha sido, em situação comparável.
- Discriminação indireta, na qual a prática que parece ser neutra e de não discriminação é de facto desvantajosa para uma pessoa de determinada raça ou origem étnica comparada com outros.” (Carrilho, 2007:55)

<sup>22</sup> Um exemplo seria o Martim Moniz com o seu Mercado da Fusão.

<sup>23</sup> *Audience Bulding*

<sup>24</sup> De acordo com Bamford e Wimmer (2012:8), o conceito de desenvolvimento de públicos implica mais do que simplesmente fazer com que mais pessoas respondam a ofertas culturais. Os autores defendem que o desenvolver do conhecimento e da diversidade do tipo de públicos e o ato de fornecer uma experiência de maior qualidade e completa em eventos culturais e artísticos devem ser observados.

<sup>25</sup> Bamford, Anne, Wimmer, Michael (2012), *Audience building and the future Creative Europe Programme*, European Expert Network on Culture (EENC), 79 pp. Disponível em: <http://www.eenc.info/>, acesso a 11 de outubro de 2015.

a nível europeu. O documento refere-se a públicos da cultura do ponto de vista das belas artes, espetáculos e públicos de bibliotecas. No entanto, por considerarmos que as estratégias se adequam a muitas das atividades culturais do projeto AfroLis, encaramos como apropriado utilizar as recomendações do relatório acima referido como guias de práticas a adotar. Segundo Bamford e Wimmer (2012), responsáveis pelo relatório acima mencionado, as estratégias que influenciam o desenvolvimento de públicos são o investimento nas seguintes áreas: 1) educação; 2) acessibilidade e abrangência ou espaços alternativos; 3) parcerias; 4) envolvimento do público na produção e criação de conteúdos; 5) segmentação; 6) preços e 7) localização geográfica.

## **5.4 Atividades**

- Continuação das atividades do audioblogue RA, com a publicação de entrevistas semanais com afrodescendentes ativos nas mais diversas áreas da sociedade portuguesa (artes, desporto, saúde, política, educação, etc.).

- Organização de tertúlias em torno de temáticas relevantes para as comunidades afrodescendentes em diferentes locais de Lisboa (universidades, bairros, associações de imigrantes, etc.).

- Realização da cobertura fotográfica de eventos relacionados com comunidades afrodescendentes.

- Fomento da troca de experiências através de um programa de mentores para servirem de modelos para jovens.

- Realização de ações de formação para futuros colaboradores na produção dos programas como locutores e produtores de peças jornalísticas.

- Criação de um evento anual para promover o trabalho do projeto AfroLis e angariar fundos.

- Filmagem de documentários para diversificar as representações de afrodescendentes em Lisboa.

- Investimento em publicação não digitais para abranger segmentos do público que não tenham acesso às mesmas ou graus de literacias menos desenvolvidos.

- Criação de parcerias com organizações que trabalhem com temas relevantes para afrodescendentes.

- Venda de peças jornalísticas a meios *mainstream*.

- Venda de espaço de publicidade a negócios relacionados com comunidades africanas no site do projeto para gerar receitas.

- Venda de artigos promocionais com o logo da AfroLis para gerar receitas.

- Realização regular de reuniões de equipa.

- Monitorização periódica das atividades do projeto.

## **5.5 Importância deste projeto e impacto desejado sobre os destinatários**

O Projeto AfroLis pode vir a contribuir para cobrir uma lacuna no panorama mediático português, a saber, a ausência de diversidade étnica e a falta de vozes alternativas para refletir outras realidades presentes no país (Domingues, 2014). O projeto AfroLis tem o potencial de ter impacto, tanto em termos de integração das comunidades afrodescendentes negras, como em termos de acesso a novas narrativas para membros da sociedade portuguesa que não pertençam a este grupo étnico. Isto porque pode enriquecer as narrativas sobre os afrodescendentes, abordando-as a partir de novos ângulos.

Como indicadores de sucesso referem-se as reações ao audioblogue Rádio AfroLis, desde o início das suas atividades (Abril, 2014) que revelam, embora de forma empírica, que o projeto AfroLis poderá ter um impacto maior e mais positivo ainda. Após sensivelmente um ano de existência, em maio de 2015, a equipa do audioblogue RA, que inspira o projeto AfroLis, foi convidada pela EGEAC<sup>26</sup> para cobrir o Festival Rotas e Rituais (Anexo H), que tinha como tema os 40 anos das independências das ex-colónias portuguesas.

As publicações semanais iniciadas no mês de Abril de 2014 e alguns dos programas do RA tiveram visibilidade a nível internacional. Em Cabo Verde e na Guiné-Bissau, duas rádios

---

<sup>26</sup> A EGEAC, Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural de Lisboa, é responsável pela gestão e programação de diversos espaços e eventos culturais da cidade, tendo como principal objetivo apresentar uma oferta cultural diversificada aos públicos da cidade.

retransmitiram o primeiro programa sobre e estereótipos raciais. A organização *Global Voices*<sup>27</sup> traduziu esse mesmo programa em quatro línguas.

Estes exemplos revelam o potencial que o trabalho desenvolvido dentro do contexto do audioblogue Rádio AfroLis pode vir a ter se for feito diretamente com as comunidades afrodescendentes de modo a que estas criem redes de solidariedade entre si através das atividades promovidas pelo projeto AfroLis.

## 5.6 Espaço de funcionamento do grupo

Será feito um pedido de cedência de um espaço à Câmara Municipal de Lisboa no centro da cidade. O grupo informal do projeto AfroLis deverá funcionar numa zona central para motivar afrodescendentes que moram nas periferias a ocupar também o centro da cidade.

## 5.7 Parceiros e Financiadores

Delineou-se ainda como importante listar algumas das potenciais instituições parceiras e/ou financiadoras deste projeto, tendo como critérios o trabalho que têm desenvolvido a nível mediático, social, com comunidades minoritárias e colaborações já concretizadas com o audioblogue RA.

<b>Instituição/Organização</b>	<b>Descrição/Apoios</b>
<b>Harambee África Portugal (F)</b>	Instituição internacional que tem a dupla missão de: Ajudar África a ajudar-se e comunicar África. “HARAMBEE financia projetos propostos por africanos, geridos por africanos, destinados a africanos.” <sup>28</sup>
<b>Fundação Calouste Gulbenkian (F)</b>	Programa Gulbenkian Desenvolvimento Humano: “apoia projetos inovadores, sobretudo pilotos que testem novas respostas aos

---

<sup>27</sup> A Global Voices é uma comunidade de mais de 800 bloggers e tradutores espalhados pelo planeta que trabalham juntos na cobertura de blogues feita por cidadãos de todo mundo, dando ênfase às vozes que não são normalmente escutadas pelos veículos de comunicação internacional.

<sup>28</sup> Descrição disponível no *site* da instituição: <http://harambee-portugal.org/>, acesso a 10 de setembro de 2015

	problemas sociais das pessoas em situação de maior vulnerabilidade.” <sup>29</sup>
<b>GTO LX (P)</b>	“Organização não governamental empenhada em estimular a participação ativa e consciente dos cidadãos na construção da sociedade. Trabalha diretamente com populações desfavorecidas, formando grupos comunitários de Teatro Fórum que criam espetáculos a partir de situações reais por si vividas, e que são, posteriormente, apresentadas à comunidade.” <sup>30</sup>
<b>SOS Racismo (P)</b>	Colaboram com outras associações anti-racistas e de imigrantes a nível nacional e europeu.
<b>Solidariedade Imigrante (P)</b>	Associação de defesa dos direitos dos imigrantes em Portugal, de âmbito nacional e sem fins lucrativos.
<b>Buala (P) (Publicação online)</b>	Plataforma que atua sobre questões pós-coloniais nas áreas da cultura, comunicação, arte e educação.
<b>Global Voices (P)</b>	“Comunidade de mais de 800 <i>bloggers</i> e tradutores espalhados pelo planeta que trabalham juntos na cobertura de blogues e de <i>media</i> cidadã de toda parte, dando ênfase às vozes que não são normalmente ouvidas pelos veículos de comunicação internacional.” <sup>31</sup>
<b>Fundação Cidade de Lisboa (P) (Projeto Passaporte para a Cidadania)</b>	“O projeto Passaporte para a Cidadania da Fundação Cidade de Lisboa pretende contribuir para a plena integração de nacionais de países terceiros na nossa sociedade informando-os e capacitando-os para o exercício de uma cidadania ativa, assim como

<sup>29</sup> Descrição disponível no *site* do Programa Gulbenkian Desenvolvimento Humano: <http://www.gulbenkian.pt/Institucional/pt/Fundacao/ProgramasGulbenkian/DesenvolvimentoHumano?a=1898>, acesso a 10 de setembro de 2015.

<sup>29</sup> Descrição disponível no *site* do GTOLX (Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa): <http://www.gtolx.org/>, acesso a 10 de setembro de 2015.

<sup>30</sup> Descrição disponível no *site* do GTOLX (Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa): <http://www.gtolx.org/>, acesso a 10 de setembro de 2015.

<sup>31</sup> Descrição disponível no *site* do Global Voices: <https://pt.globalvoices.org/>, acesso a 13 de setembro de 2015.

	sensibilizando a comunidade para a inclusão e interculturalidade.” <sup>32</sup>
<b>Fundação Aga Khan Portugal (P)</b>	“A Fundação Aga Khan Portugal delineou uma nova estratégia programática que visa o desenvolvimento de um programa de combate à pobreza e exclusão social em meios urbanos.” <sup>33</sup>
<b>EGEAC (P)</b>	Empresa de Gestão de Equipamentos e Animação Cultural de Lisboa. O audiologue Rádio AfroLis já participou do Festival Rotas E Rituais 2015 a convite da EGEAC, probabilidades de voltar a trabalhar em parceria com a instituição. <sup>34</sup>
<b>Rádio Zero</b>	“A Rádio Zero é uma secção autónoma da Associação dos Estudantes do Instituto Superior Técnico (AEIST), sem fins lucrativos e de duração ilimitada. A Rádio pretende ser um meio criativo que fomenta o experimentalismo e o desenvolvimento de obras de arte em formato sonoro.” <sup>35</sup>
<b>Stress.Fm</b>	“A stress.fm é uma rádio, uma plataforma, uma rede de pessoas e ideias. Falamos dos contrastes entre antigas metáforas e o novo século, das interações entre som e cultura, entre arte e política, tecnologia e sociedade. A stress.fm é uma estratégia, um método, um espaço de comunicação.” <sup>36</sup>

**Quadro 5.2** Lista de possíveis parceiros (P) e financiadores (F)

## 5.8 Equipa atual

O projeto AfroLis será levado a cabo por um grupo informal constituído por:

<b>Mentora:</b> Carla Fernandes (jornalista)
--

<sup>32</sup> Descrição disponível no *site* da instituição: <http://www.fundacaocidadedelisboa.pt/conheca-o-projeto-passaporte-para-a-cidadania>, acesso a 13 de setembro de 2015.

<sup>33</sup> Descrição disponível no *site* da Fundação Aga Khan Portugal: [http://www.akdn.org/portugal\\_urbano.asp](http://www.akdn.org/portugal_urbano.asp), acesso a 13 de setembro de 2015.

<sup>34</sup> Link para a participação do audioblogue Rádio AfroLis no Festival Rotas e Rituais 2015: <http://www.rotaserituais.com/category/audioblog/>

<sup>35</sup> Descrição disponível no *site* do projeto: <http://www.radiozero.pt/sobre/>

<sup>36</sup> Descrição disponível no *site* da plataforma: <http://stress.fm/concept>

<b>Fotógrafo:</b> Herberto Smith (repórter fotográfico)
<b>Colaboradora:</b> Ana Ernesto (Estudante de jornalismo)
<b>Assessoria Técnica:</b> Cristina Carlos (manager de instituições de saúde)
<b>Assessoria Financeira:</b> Catarina Smith (empresária)

Quadro 5.3 Lista dos membros do projeto AfroLis

## 5.9 Cronograma

Para a implementação do projeto numa primeira fase será necessário realizar atividades que garantam o seu funcionamento. Havendo sido listadas algumas atividades que dependem da consolidação de outras, demos preferência nesta calendarização, a atividades essenciais para o funcionamento do projeto num período de 12 meses.

Atividades por <sup>37</sup> mês - 2016	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez
Planeamento de atividades	Yellow			White			Yellow			White		
Contactos com para a cedência e aquisição de um espaço	Orange		White									
Contactos com Possíveis colaboradores	Light Blue											
Aquisição de equipamentos	Green	White										

<sup>37</sup> Os temas das tertúlias e dos workshops serão definidos em reunião com os membros da equipa da AfroLis mas vão girar em torno do jornalismo e de temáticas relacionadas com afrodescendentes.

Angariação de parceiros e sócios	[Green shaded area]											
Ação de formação 1º /workshop	[White]			[Red]			[White]					
Realização de Tertúlias projeção de filmes	[Yellow]	[White]	[Yellow]	[White]	[Yellow]	[White]	[Yellow]	[White]	[Yellow]	[White]	[Yellow]	[White]
Ação de formação 2º / workshop	[White]									[Teal]		
Realização de entrevistas perfil do participante/socio (Anexo E)	[Purple shaded area]									Análise dos resultados das entrevistas		

Quadro 5.4 Calendarização das atividades do projeto (12 meses)



## Considerações finais

O verbo participar tem vários significados: 1. fazer saber; informar; anunciar; comunicar; 2. tomar parte (em); intervir (em); 3. compartilhar (de); 4. fazer parte integrante (de); 5. ter qualidades comuns (a); ser parte (de); 6. associar-se pelo pensamento ou sentimento (a); 7. fazer queixa (de); denunciar. Vem do latim *participāre*, “ter a sua parte em; comunicar,”<sup>38</sup> e, para se “ter a sua parte em” ou “comunicar”, é preciso que haja um ambiente favorável para tal.

Ao longo de toda a exposição, discutimos essencialmente o conceito de “participar” a partir de diferentes ângulos. Os estudiosos da tradição dos *media* alternativos, nos quais os *media* étnicos também se inserem, colocam a tónica no aspeto da participação do público na criação, produção e disseminação de conteúdos. Acreditam que sistemas desterritorializados e transnacionais e esferas públicas associadas às tecnologias digitais são organizadas, primeiramente, para esse fim (Mare, 2013:33), para que se participe e compartilhe. Este ambiente cria um grau de autonomia nos consumidores de conhecimento que lhes permite fazer a sua própria seleção de informações e juntar-se a outros que tenham feito seleções semelhantes, acabando por criar comunidades de interesses. Comunidades em cuja construção todos participaram, “deram a sua parte”.

The prosperity of a nation, geographical region, business or individual depends on their ability to navigate the knowledge space. Power is now conferred through the optimal management of knowledge, whether it involves technology, science communication, or our ‘ethical’ relationship with the other. The more we are able to form intelligent communities, as open-minded, cognitive subjects capable of initiative, imagination, and rapid response, the more we will be able to ensure our success in a highly competitive environment (Lévy, 1997:253).

Tendo em conta o objetivo de abordar a invisibilidade mediática dos afrodescendentes e das suas representações nos *media* portuguesas recorrendo às novas tecnologias, associadas aos *media* étnicos, o desenvolvimento do Projeto AfroLis procura encontrar um equilíbrio de forma a ser inclusivo e a não resvalar nos perigos do determinismo tecnológico quando se fala de participação – achando que basta a infraestrutura tecnológica para a participação. Por um lado, irá continuar a investir na criação de conteúdos sobre as comunidades afrodescendentes e na divulgação dos mesmos através de plataformas digitais, mas, considerando as previsíveis limitações em termos de acesso e literacias por parte do público-alvo, esta abordagem será

---

<sup>38</sup> Definição disponível em: <http://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/participar>

complementado por um investimento *offline* no envolvimento das comunidades, para quem foi pensado, capacitando-os e sensibilizando-os para usufruto do seu direito a comunicar, a participar e a produzir conhecimento igualmente fora da *Web*. Esta estratégia que combina as novas tecnologias, a abordagem dos *media* étnicos e a valorização dos formas tradicionais de transmissão de conhecimento poderá ter um maior potencial de contribuir para o envolvimento das comunidades. Uma vez envolvidas no processo de produção de conhecimento sobre si mesmas, estas comunidades poderão, então, agora mais motivadas e capacitadas, ter uma voz que venha a influenciar qualitativa e quantitativamente aquilo que têm vindo a ser as suas representações nos *media* portugueses, ou seja, a sua visibilidade.

## Bibliografia

- Appadurai, Arjun (1996), *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*, Minneapolis, University of Minnesota Press.
- Arfuch, Leonor (2002), “El Espacio Biográfico - Dilemas de la Subjectividad Contemporánea”, Buenos Aires, Fondo de Cultura Económica.
- Bamford, Anne e Michael Wimmer (2012), Audience building and the future Creative Europe Programme, European Expert Network on Culture (EENC), 79 pp. Disponível em: <http://www.eenc.info/>, acesso a 11 de outubro de 2015.
- Bailey, O. G., Bart Cammaerts, Nico Carpentier (2008), *Understanding alternative Media*, Maidenhead, UK: Open University Press.
- Bourdieu, Pierre (1989) *O Poder Simbólico*, Lisboa: Difel.
- Bourdieu, Pierre (1997), *Sobre a Televisão*, Rio de Janeiro.
- Cádima, Rui e Alexandra Figueiredo (2003), *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas nos media*, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, pp. 32- 56.
- Cardoso, Gustavo et. al. (2014), *Internet em Portugal – Sociedade em Rede 2014*, Lisboa, Obercom. Disponível em: [http://www.worldinternetproject.net/\\_files/\\_Published/\\_oldis/338\\_internet\\_portugal\\_2014.pdf](http://www.worldinternetproject.net/_files/_Published/_oldis/338_internet_portugal_2014.pdf), acesso a 17 de outubro de 2015.
- Carrilho, Maria José e Maria Cidália Mesquita Figueiredo (2007), “Medidas de Discriminação Étnica em Portugal: uma análise exploratória”, *Revista de Estudos demográficos* (41). Disponível em: [https://www.ine.pt/ngt\\_server/attachfileu.jsp?look\\_parentBoui=56701012&att\\_display=n&att\\_download=y](https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=56701012&att_display=n&att_download=y).
- Carvalho, Francisco Avelino (2014), “O lugar dos negros na imagem de Lisboa“, Marques, Margarida M. (org.) *Lisboa Multicultural*, Lisboa, Fim de Século, p.339.
- Correa, Teresa e Sun Ho Jeong (2011), *Race and online content creation*, Information, Communication & Society (Online) 14 (5). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1080/1369118X.2010.514355>, acesso a 10 de janeiro de 2015.
- Correia, João Carlos (2008), “Novos media e esfera pública: As profecias cyberdemocráticas no contexto da democracia deliberativa“, *Estudos em Comunicação*, Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: [http://www.bocc.uff.br/\\_listas/tematica.php?codtema=13](http://www.bocc.uff.br/_listas/tematica.php?codtema=13), acesso a 20 setembro de 2015.

- Creswell, John W. (2003), *Research design: qualitative, quantitative, and mixed methods approaches*, Thousand Oaks, Sage.
- Cunha, Manuela Ivone (2010), "Race, Crime and Criminal Justice in Portugal", in A. Kalunta-Crumpton (Ed.), *Race, Crime And Criminal Justice: Internacional Perspectives*, New York, Palgrave MacMillan, pp. 144-161, *apud* Gomes, Sílvia (2011), *Criminalidade, Etnicidade e Desigualdades*, Braga, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, p.11.
- Cunha, Isabel Ferin et. al. (2002), "Media e Discriminação: um estudo exploratório do caso português, *Observatório - revista do Obercom*, nº 5: 27-38, *apud* Cádima, Rui e Alexandra Figueiredo (2003), *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas nos* , Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, p.28.
- Cunha, Isabel Ferin (2003), "A Imigração e as Minorias na imprensa e na televisão", Biblioteca On-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/cunha-isabel-ferin-imigracao.pdf>.
- Devereux, Eoin (2014 - 3ª edição) *Understanding the Media*, Londres, Sage.
- Domingues, Nuno Batista (2014), "Media e construção da diversidade", Marques, Margarida M. (org.) *Lisboa Multicultural*, Lisboa, Fim de Século, pp. 117-155.
- Foddy, William (1996[1993]), *Como Perguntar: Teoria e Prática da Construção de Perguntas em Entrevistas e Questionários*, Oeiras, Celta.
- Habermas, Jürgen (2003), *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro.
- Hall, Stuart (1997), *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*, London, Sage Publications Ltd, p.42.
- Hall, Stuart (2006), "Encoding/Decoding", Durham, Meenakshi Gigi e Douglas M. Kellner (org.), *And Cultural Studies: Keywords*, pp.171-173 Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/102142/appadurai.pdf>, acesso a 5 de outubro de 2015.
- Henriques, Isabel Castro (2011), *Os Africanos em Portugal: História e Memória (séculos XV-XXI)*, Lisboa, Comité Português do Projeto Unesco "A Rota do Escravo", p.20.
- Jenkins, Henry (2006), *Convergence Culture: Where Old and New Collide*, New York, New York University Press.

- Levy, Pierre (1997), “Collective Intelligence” Disponível em: <https://is.cuni.cz/studium/predmety/index.php?do=download&did=29658&kod=JJM085>, acesso a 5 de agosto de 2015.
- Mare, Admire (2013), “New media, pirate radio and the creative appropriation of technology in Zimbabwe: case of Radio Voice of the People”, *International Journal of Communication*, pp.32-33.
- Matsaganis, Mathew D., Vikki S. Katz e Sandra J. Ball-Rokeach (2011), *Understanding ethnic : producers, consumers, and societies*, California, Sage.
- Moscovici, S. (1976), *La psychanalyse, son image et son public*, Paris, PUF.
- Moscovici, S. (1984), “The phenomenon of social representations”, Em R. Farr & S. Moscovici (Orgs.), *Social representations* (pp. 3–69). Cambridge, Cambridge University.
- Moscovici, S. (1988), “Notes towards a description of social representations”, *European Journal of Social Psychology*, 18, 211-250, *apud* Cádima, Rui e Alexandra Figueiredo (2003), *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas nos* , Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas, pp.24-25.
- Moyo, Last (2012) “Participation, Citizenship, and Pirate Radio as Empowerment: The Case of Radio Dialogue in Zimbabwe”, *International Journal of Communication* pp. 484–500.
- Notley, Tanya e Alexandra Crosby (2014) “Transmedia Activism Exploring the Possibilities in West Papua”. Disponível em: [https://www.academia.edu/6273172/Trans\\_Activism\\_Exploring\\_the\\_Possibilities\\_in\\_West\\_Papua\\_with\\_Tanya\\_Notley](https://www.academia.edu/6273172/Trans_Activism_Exploring_the_Possibilities_in_West_Papua_with_Tanya_Notley), acesso a 15 de abril de 2015.
- Paisana, Miguel e Tiago Lima (2014), *Internet em Portugal – Sociedade em Rede 2012*, Lisboa, Obercom. Disponível em: <http://www.obercom.pt/client/?newsId=548&fileName=sociedadeRede2012.pdf>, acessado a 19 de outubro de 2015.
- Quivy, Raymond e Luc Van Campenhoudt (2008), *Manual de investigação em ciências sociais*, Lisboa, Gradiva, pp. 233-235.
- Roos, Cecilia (2012) *Producing Transmedia Stories - A study of producers, interactivity and prosumption*, tese de mestrado. Disponível em: [http://dspace.mah.se/bitstream/handle/2043/13930/Examensarbete\\_Cecilia\\_Roos\\_2.pdf?sequence=2](http://dspace.mah.se/bitstream/handle/2043/13930/Examensarbete_Cecilia_Roos_2.pdf?sequence=2), acesso a 15 de abril de 2015.

- Salim, Isabela (2008), *Os meios de comunicação étnicos em Portugal*, Lisboa, Alto Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Sayad, Abdelmalek (2004) *The suffering of the immigrant*, Cambridge, Polity Press.
- Silverstone, Roger (1999a), *Why study the media?*, London, Sage.
- Silverstone, Roger (1999b) “What’s new about new media?”, *New and Society*, I, (1), p.11, London, Sage.
- Van Dijk, Jan (1999) *The Network Society, Social Aspects of New* . London, Thousand Oaks, New Delhi, Sage.
- Van Dijk, Jan e Ken Hacker (2000b) “The digital divide as a complex and dynamic phenomenon”, Comunicação apresentada na *50th Annual Conference of the International Communication Association*, 1-5 de junho de 2000, Acapulco. Disponível em: [https://www.utwente.nl/bms/vandijk/research/digital\\_divide/Digital\\_Divide\\_overigen/pdf\\_digitaldivide\\_website.pdf](https://www.utwente.nl/bms/vandijk/research/digital_divide/Digital_Divide_overigen/pdf_digitaldivide_website.pdf), acesso a 10 de outubro de 2015.

## Fontes

Crespas e Cacheadas de Portugal:

<https://www.facebook.com/groups/portugalcacheadas/>

Buala: <http://www.buala.org/>

Fundação Aga Khan Portugal: [http://www.akdn.org/portugal\\_urbano.asp](http://www.akdn.org/portugal_urbano.asp)

Fundação Harabeem: <http://harambee-portugal.org/>

Festival Rotas E Rituais 2015: <http://www.rotaserituais.com/category/audioblog/>

Global Voices: <https://pt.globalvoices.org/>

GTOLX (Grupo de Teatro do Oprimido de Lisboa): <http://www.gtolx.org/>

INE: [https://www.ine.pt/ngt\\_server/attachfileu.jsp?look\\_parentBoui=150133806&att\\_display=n&att\\_download=y](https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=150133806&att_display=n&att_download=y)

Obercom: [http://www.worldinternetproject.net/files/Published\\_oldis/338\\_internet\\_portugal\\_2014.pdf](http://www.worldinternetproject.net/files/Published_oldis/338_internet_portugal_2014.pdf)

Plataforma gueto: <https://www.facebook.com/PlataformaGueto?fref=ts>

Programa Gulbenkian Desenvolvimento Humano:

<http://www.gulbenkian.pt/Institucional/pt/Fundacao/ProgramasGulbenkian/DesenvolvimentoHumano?a=1898>

Rádio AfroLis: <http://radioafrolis.com/>

Rádio zero: <http://www.radiozero.pt/sobre/>

Raizes de Maria: <https://www.facebook.com/raizesdemaria?fref=ts>

Site da telenovela *A Única Mulher*: <http://tviplayer.iol.pt/programa/a-unica-mulher/54f9c2bb0cf242bc65d670fa>

Solidariedade Imigrante: <http://www.solimigrante.org/>

SOS Racismo: <http://www.sosracismo.pt/>

Stress.fm: <http://stress.fm/concept>

We Love Carapinha: <https://www.facebook.com/We-Love-Carapinha-1416731138620392/timeline/>

## Anexos

### Anexo A - Excertos de entrevistas publicadas no audioblogue RA

*Não se revela os nomes dos entrevistados por não se considerar relevante para esta análise e se preferir manter o anonimato dos entrevistados. Pretende-se identificar e salientar atitudes dos afrodescendentes relativamente às três categorias listadas: sentimentos de pertença à sociedade portuguesa; representação na sociedade portuguesa/media; Participação na sociedade portuguesa. A análise da informação levantada serve tanto para ilustrar temas abordados na discussão como para identificar temas a abordar em atividades do Projeto AfroLis.*

*--- Refere-se a elementos da entrevista ocultados para manter o anonimato dos entrevistados*

#### A.1 Entrevista sobre participação política

<b>Categorias</b>	Testemunho: <i>Sobre participação política de afrodescendentes negros</i>	<b>Entrevistada 1</b> <b>Sexo:</b> F <b>Idade:</b> 20-30 <b>Ocupação:</b> professora do ensino secundário <b>Origem dos pais:</b> Cabo Verde <b>Local de Nascimento:</b> Lisboa <b>Local de Residência:</b> Lisboa
-------------------	---	--

		<b>Ano:</b> 2014
<b>Sentimentos de pertença a sociedade portuguesa</b>	<p>“(…) por serem filhos de pais imigrantes, são tratados como imigrantes. Isso é inadmissível. Se tu nasce cá, tens todo o direito e mais algum de ser nacionalizado [naturalizado]. É claro que há leis que temos de respeitar, há a legislação, tudo isso que tem de ter tido em conta, mas estamos a falar de famílias que às vezes não têm o tempo necessário para resolver estas questões. Não têm as capacidades necessárias porque isso exige conhecimento. E muitas das vezes também não têm capacidade financeira para dar resposta às exigências que são pedidas. Então, resulta no quê? (...) Nos estudos... É claro que depois vem a desmotivação ‘Estudar para quê?’; ‘Que futuro é que eu vou ter aqui?’; ‘É o meu país e ao mesmo tempo não é.’ Isto é uma questão que não pode ser tão complexa quanto isto. Quer dizer, se nasceste cá, tu estudas, tu trabalhas, vais estar aqui com todo o direito como quem é português de cor branca, não é. Não tem que haver diferença.”</p>	<p><b>Observação:</b> A entrevistada fala sobre o impacto da legislação nas vidas jovens nascidos em território português mas que ainda se encontram em situação ilegal.</p>
<b>Representação na sociedade portuguesa/</b>	<p>“Um dos problemas da abstenção também é este. Nós vemos que há muitos jovens que não se sentem representados. E (...) tu não vais dar a cara por algo com que não te identificas.”</p>	<p><b>Observação:</b> A entrevistada sublinha o efeito da falta de identificação com a sociedade portuguesa tem na participação política.</p>
	<p>“(…) lembro-me numa destas iniciativas que foi o “<i>Ready to vote</i>”, em parceria com a associação mais cidadania, no sentido de despertar</p>	<p><b>Observação:</b> A entrevistada sublinha a importância</p>

<p><b>Participação na sociedade portuguesa</b></p>	<p>consciências. Estão jovens em que sociedade e para que sociedade? Que voz é que nós permitimos que estas questões políticas tenham? Porque não basta criticar. É preciso nós percebermos qual o nosso papel de uma forma ativa e participativa na sociedade. E estas associações têm esta capacidade e acabam por ir trabalhando em pequenos focos, não fazem disso o seu programa, mas em pequenos focos vão incentivando, despertando consciências para que os jovens participem e que tenham consciência que fazem parte. Não estão à margem, que isto não é para os outros. É para nós. Devemos todos, como dever, participar.”</p>	<p>de incentivar a participação política dos jovens afrodescendentes como fora de inclusão na sociedade portuguesa.</p>
--	--	---

### Anexo A.2 – Entrevista sobre Representações nos *media*

<p><b>Categorias</b></p>	<p>Testemunho: Atores negros e mercado de trabalho</p>	<p><b>Entrevistado 2</b>  <b>Sexo:</b> M  <b>Idade:</b> 30-40  <b>Ocupação:</b> ator  <b>Origem dos pais:</b> Angola  <b>Local de Nascimento:</b> Luanda  <b>Local de Residência:</b> Lisboa  <b>Ano:</b> 2015</p>
<p><b>Sentimentos de pertença a sociedade portuguesa</b></p>	<p>---: “Pois é isso. Eu, por exemplo, eu gosto muito de... eu adoro Portugal. Adoro Portugal. Sou angolano, vivo cá há algum tempo. Sinto-me, mais do que português, sinto-me lisboeta, porque essa</p>	<p><b>Observação:</b></p>

	<p>cidade é mesmo especial. Tem uma força tremenda. E em Lisboa, a própria Lisboa, as ruas, os bairros, o que são na realidade, não é a mesma coisa que aparece na televisão, que aparece nas notícias.”</p> <p><b>RA:</b> É uma verdade grande. Não reflete mesmo.</p> <p>---: Não, não é. Quem tem o poder da informação tem que ter a consciência de dar a boa informação ou de dar a real informação. Não precisamos de esconder A ou B, precisamos de falar. Temos que falar. Estamos a falar de tudo...”</p>	<p>O entrevistado revela um duplo sentimento, por um lado sente-se lisboeta e por outro sente que não faz parte da Lisboa que visível.</p>
<p><b>Representação na sociedade portuguesa/</b></p>	<p>---: Pode-se fazer televisão como preto, mas é um em dez, sabes. Não há protagonistas, não há apostas regulares. Não há... as pessoas não escrevem para pretos. As pessoas têm de adaptar papéis de brancos para pretos. Ou então quando querem efetivamente abordar um tema, não é. Como, agora está a passar uma novela na TVI...</p> <p><b>RA:</b> <i>A Única Mulher?</i></p> <p>---: Sim. E mesmo assim eu acho que se está a abordar o racismo, no caso da novela, de uma forma banal. Porque podíamos ser mais profundos. Quem tem o poder de abordar podia sempre preferir ir por outros caminhos, porque nós precisamos, sabes.</p> <p><b>RA:</b> Em torno dessa novela não se discute a temática racismo...</p> <p>---: Não. Ninguém, ninguém fala nada disso porque não interessa. Interessa o folclore, vai passar na televisão. “Ah, pá que cena fixe. Pois isso lembrou-me lá quando estive lá em Angola, quando eu estive em não sei quê...” Desliga a televisão, ninguém pergunta</p>	<p><b>Observação:</b></p> <p>O entrevistado mostra-se insatisfeito com as representações de negros nos . Reconhece que haja visibilidade mas não se sente identificado com as representações existentes.</p>

	nada. Ninguém fala nada. E quem pode fazer alguma coisa, não se incomoda porque também não convém. E é isso, na verdade é isso.	
<b>Participação na sociedade portuguesa</b>	<p>“<b>RA:</b> Qual é a característica mais forte do teatro ---?  <b>---</b>: É que somos todos pretos, quase.  <b>RA:</b> Foi a intenção também quando criaram.  <b>---</b>: Na verdade foi. Porque não vou dizer que o teatro está fácil para as pessoas em Portugal. Nem para brancos nem para pretos. Mas há uma minoria de pessoas no trabalho, no ativo. É difícil. Todo mundo no desemprego. Quando a fome aperta, as pessoas começam a criar ideias. Mas...  <b>RA:</b> Então foi criado a partir de uma necessidade.  <b>---</b>: Sim, uma necessidade de trabalhar. Mais do que... porque nós também somos portugueses, sabes. Então, nós também temos voz, temos opinião. E sempre, tudo o que tenha a ver com pretos, tenha a ver com africanidade e com negritude em termos televisivos ou até radiofónicos, é sempre... sempre foi tratado, ou foi visto ou foi retratado por um europeu, por um branco, não por um preto. Porque temos uma visão. Temos! Nós somos pessoas, vivemos aqui, crescemos. Pode até ser igual ou diferente, não sabemos.”</p>	<p><b>Observação:</b>  Fala da estratégia que adotou com um grupo de colegas atores para participar na produção de produtos culturais em Portugal.</p>

### Anexo A. 3 – Entrevista sobre conceito de beleza de mulheres negras

		<p><b>Entrevistada 3</b>  <b>Sexo: F</b></p>
--	--	--

<b>Categorias</b>	Testemunho: Sobre conceito de beleza de mulheres negras nos <i>media</i>	<b>Idade:</b> 30-40 <b>Ocupação:</b> modelo/atriz <b>Origem dos pais:</b> Angola/Cabo Verde <b>Local de Nascimento:</b> Lisboa <b>Local de Residência:</b> Lisboa <b>Ano:</b> 2015
<b>Sentimentos de pertença a sociedade portuguesa</b>	Eu ando cheia de trabalho, não é novidade para ninguém, mas eu acho que quando é para fazer o bem e ajudar as outras pessoas a assumirem a sua identidade temos que sempre arranjar nem que seja uma horinha do nosso tempo para doarmos para essa causa. E esta causa acaba também por ser minha, porque o meu pai é africano a minha mãe é portuguesa, portanto, temos aqui um “fifty fifty” interessante em que eu assumo muito mais o meu lado afro do que o meu português porque é assim que eu me vejo. Eu sempre fui assim mas eu tive que aprender a ser assim. Ou seja, houve momentos em que eu própria não me aceitava: porque é que eu nasci com o cabelo assim? Porque é que eu não posso ter o cabelo liso das minhas colegas e foi uma luta que eu acho que estou a vencer.	<b>Observação:</b>  A entrevistada assume a sua preferência pelo seu lado africano e mostra-se comprometida em contribuir para inspirar outros afrodescendentes a sentirem orgulho nos seus traços físicos.
<b>Representação na sociedade portuguesa/</b>	É muito importante principalmente num país como Portugal que é o país onde eu nasci. Finalmente começam a aceitar as diferenças os looks diferentes, o cabelo diferente acima de tudo. Porque nós sabemos que durante muitos anos não foi aceitável nem para homens nem para mulheres usarem o seu cabelo natural porque	<b>Observação:</b>  A entrevistada falando num evento sobre cabelos afro, observa que houve uma evolução em termos de aceitação da estética do cabelo natural dos

	faziam-te sentir diferente, faziam-te sentir mal. Gozavam contigo e agora de repente perceber que o afro está na moda... Para mim faz-me rir porque eu sempre tive afro portanto para mim foi sempre. Foi a minha maneira de estar na vida.	africanos.
<b>Participação na sociedade portuguesa</b>	“E eu fico feliz quando vejo criancinhas com os seus afro assumidos e as mães dizem que eu tive alguma influência ou que alguém teve alguma influência nessa decisão. E obviamente que isso me enche o coração. Portanto assim que recebi este convite não hesitei.”	<b>Observação:</b>  A entrevistada mostra-se satisfeita em poder contribuir para a aceitação da autoimagem de crianças afrodescendentes para quem serve de modelo e também em participar de eventos onde possa partilhar a sua própria experiência de aceitação da autoimagem.

#### Anexo A.4 – Entrevista sobre trabalho voluntário no combate a pobreza de um movimento do qual o entrevistado faz parte

<b>Categorias</b>	Testemunho: Sobre trabalho voluntario no combate a pobreza de um movimento do qual o entrevistado faz parte	Entrevistado 4 <b>Sexo:</b> M <b>Idade:</b> 20-30 <b>Ocupação:</b> músico <b>Origem dos pais:</b> Angola/Cabo Verde <b>Local de Nascimento:</b> Lisboa <b>Local de Residência:</b> Lisboa
-------------------	---	---

		<b>Ano:</b> 2015
<b>Sentimentos de pertença a sociedade portuguesa</b>	Acho que os bairros têm, acabam por ser... acabam por ser uma casa. Ou seja, uma casa com uma família grande, cada um tem a sua forma de estar... Hoje em dia há dois tipos de bairro. O bairro onde a gente cresceu, esse tipo de bairro está a acabar. Que é o bairro... ah as pessoas diziam que eram as barracadas mas muitas das vezes as casas onde a gente vivia tinham condições onde os prédios onde nos colocaram agora não têm. Essa é a realidade. Ou seja, não tinham se calhar uma boa apresentação exterior mas tinham condições interiormente. E por serem, sei lá as casas eram tao juntas, que não havia forma de não haver união. Os bairros de hoje em dia, os bairros que o estado construiu, não foi a comunidade que construiu, foi o estado que construiu, são bairros que acabam sempre por nos classificar como a diferença.	<b>Observação:</b>  Os sentimentos de pertença a um território expressados ao longo da entrevista estão mais marcados quando fala do bairro ou dos bairros periféricos de Lisboa. Quando fala de Portugal como pais não revela um sentimento de pertença.
<b>Representação na sociedade portuguesa/</b>	“Outra coisa também essas mesmas instituições [de caridade] querem combater a diferença, querem combater a pobreza, então, não podem exigir que essas pessoas tenham documentos, tenham os papéis para escrever numa ficha para darem conhecimento, só assim para terem acesso a um saco de alimentos, ou a um subsídio seja ele de que valor for. Não se pode. Se nós estamos a combater a pobreza, nós estamos a combater a pobreza. Se nós estamos a combater a pobreza, nós estamos a combater a pobreza. Eu, particularmente, tenho uma dificuldade muito grande em perceber o que é que é uma pessoa legal e uma pessoa ilegal. Porque um ser humano é um ser humano.”	<b>Observação:</b>  O entrevistado refere-se a conotação da pessoal ilegal como impedida de ser ajudada, por uma imagem que lhe é imprimida pela sociedade.

<p><b>Participação na sociedade portuguesa</b></p>	<p>“temos de abrir mão de certos benefícios para tapar certas consequências. O benefício de, sei lá, estar a curtir, a gastar 30 euros aqui e ali na borgia. Se calhar infelizmente não vai da para estar na borgia mas vou agarrar nesses trinta euros, vou fazer algo, fazer uma compra, fazer uma vaquinha juntamente com mais dez irmãos e daí fazer um concerto, convidar irmãos que cantam, que dançam, que fazem jantar, têm algo a apresentar e depois cobramos alimentos. E através desses alimentos chegar às famílias. Também fazemos, através do jantar, cobramos um preço simbólico, três euros por refeição com sopa. A partir desse dinheiro, o que é que agente faz, vai comprar o que as pessoas não trouxeram. As pessoas na maioria trazem massa, trazem arroz, a gente tenta comprar azeite, óleo e essas coisas para chegar às famílias.</p>	<p><b>Observação:</b></p> <p>A participação na sociedade portuguesa, para o entrevistado, relaciona-se com a intervenção na área social, ajudando comunidades carenciadas.</p>
--	---	--

## **Anexo B – RA em entrevista**



**Figura 1 RA em entrevista com Elsa N. (Lisboa, abr. 2014)**

## Anexo C – Grupos dedicados a afrodescendentes no Facebook

### Anexo C.1 Facebook Raízes de Maria



**Figura 2 Raízes de Maria: “Uma eterna apaixonada por Afro Hair que partilha o seu dia-a-dia capilar e não só!”**

## Anexo C.2 Facebook We Love Carapinhas

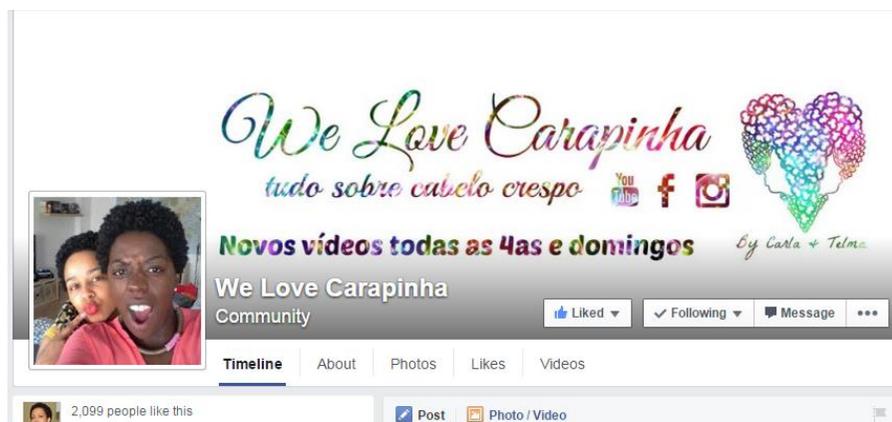


Figura 3 “Entusiastas do cabelo crespo em todos os seus estados”

### Anexo C.3 Facebook Crespas e Cacheadas de Portugal



Figura 4“O grupo fechado e exclusivamente feminino, criado para incentivar, e ajudar, com troca de experiências e dicas, meninas que decidiram se libertar de alisamentos, relaxamentos, progressivas, desfrisagens.”

## Anexo C.4 Facebook da Plataforma Gueto



**Ilustração 5: “A plataforma Gueto é um Movimento Social Negro, que defende a autodeterminação de todos os povos através da Resistência anti-imperialista e anti-racista.”**

## Anexo D – Participação do audioblogue RA no Festival Rotas e Rituais 2015



**Figura 6** Descrição da participação do audioblogue Rádio AfroLis no programa do Festival Rotas e Rituais 2015

Disponível em: <http://www.rotaserituais.com/radio-afrolis/>

## Anexo E - Guião de entrevista para caracterização dos participantes

### Contextualização da entrevista

- **Objetivo:** Fazer um perfil do participante afrodescendente negro do projeto AfroLis, para investimento em atividades direcionadas para os resultados analisados.

- **Tipo de entrevista:** Entrevista semiestruturada

**- Utilização de gravador:**

**- Duração da entrevista:**

**Nota inicial:**

*Gostaria que fizesse uma apresentação breve da sua pessoa*

## **1. Infância**

### **1.1 Origem**

- Data e local de nascimento do entrevistado.
- Caracterização do contexto onde o entrevistado passou os primeiros anos de vida.

### **1.2 Família**

- Composição do agregado familiar.
- Qual é a profissão dos pais.

### **1.3 Socialização**

- Os pais ou outros membros da família tem contacto com África (descrever o contacto/relação do familiar com África).
- Descrever própria relação com África (se já lá esteve, viveu, consome comida e/ou produtos culturais africanos, etc).
- Práticas culturais e estilo de vida do entrevistado e de sua família (ex. ver televisão, ler, ouvir música, ir ao cinema, exposições, etc.).

### **1.4 Sistema de ensino**

- Infantários e escolas frequentadas pelo entrevistado.
- Idade de entrada na escola.
- Nível de escolaridade completado.

- Caracterização da construção de sociabilidades (facilidade com que fazia amigos, de várias origens étnica e de ambos os sexos?).
- Relação com os docentes.
- Relação com a instituição de ensino (gostava de estar na escola, de estudar, disciplina preferidas, resultados escolares, reprovações).
- Importância atribuída à escola pelo entrevistado e pela sua família.
- Expectativas em relação ao que a educação formal poderia proporcionar no futuro (emprego, estatuto social, etc.).
- Experiências mais marcantes do entrevistado na passagem pelo sistema ensinam.

## **2. Adolescência**

### **2.1 Identidade**

- Caracterização geral do período da adolescência.
- Processo de construção da identidade de género/racial do entrevistado.
- Aprendizagem de normas culturais da masculinidade/feminilidade (Importância da cultura dos seus ascendentes africano; Importância dos).

### **2.2 Afetos/ Sexualidade**

- Caracterização da primeira relação amorosa (primeiro namoro).
- Relevância da cor da pele (preferência por uma determinada etnia, indiferença em relação ao aspeto).
- Atitude relativamente a relações inter-raciais.

### **2.3 Vida social**

- Rede de contactos sociais do entrevistado (constituição do grupo de amigos – ambos os sexos, diferentes etnias, imigrantes; contextos onde fazia amigos – escola, bairro, clube desportivo, igreja).
- Pertença a sub-cultura juvenil (descrição: os rappers, os “rastas”, os hippies, os “vegans”).

- Pertença a alguma coletividade (clubes recreativos, grupo desportivo, partido político, associação de ativismo social).
- Importância do grupo de amigos na formação de valores, ideais, atitudes e interesses.
- Averiguar se a cor da sua pele foi determinante para escolhas que o entrevistado tenha feito em termos da sua vida social (locais de lazer, coletividades, amigos).

#### **2.4 Gostos e hábitos relacionados com novas tecnologias**

- Utilização de Internet.
- Frequência com que utiliza a Internet.
- Redes sociais em que se movimenta.
- Produção de conteúdos *online* (Blogue, canal no Youtube, Soundcloud, Instagram, etc).
- Tipo de conteúdos *online* que procura online.

#### **3. Trabalho**

- Experiências no mundo laboral (idade em que começou a trabalhar, atividade, atividades posteriores e fazer a ligação com a atual).
- Importância que dá a ter uma atividade laboral.
- Grau de satisfação com o próprio trabalho.
- Questões raciais no local de trabalho (descrição),

#### **4. Habitação**

- Caracterização da zona onde mora (central; periférica; bairro social, vizinhança).
- Dificuldades/facilidades para arranjar casa/apartamento.
- Acessibilidade (transportes, zonas comerciais, zonas de lazer).

- Diversidade cultural e étnica.

## **5. Experiências pessoais de cariz racial**

- Caracterização de algum momento da vida em que ser uma pessoa negra foi relevante (positivo ou negativo).

- Caracterização da forma como a família lida/lidava com assuntos raciais. (não tematizava/tematizava demasiado/era moderada).

- Qual a relação da cor da pele com a forma do entrevistado ver o mundo e de se ver no mundo.

- Papel do racismo na sua vida (episódios que tenha sofrido, sentimentos despertados, comportamentos ajustados na escolha do/da parceira, local de trabalho, estudos, lazer, sua participação na vida social e cívica etc.).

- Caracterização das representações sociais e atitudes da sociedade em relação às pessoas negras.

- Grau de empatia em relação a injustiças raciais quando há pessoas negras envolvidas em relação a outros grupos discriminados.

- Grau de empatia em relação a injustiças raciais quando há pessoas negras envolvidas em relação a outros grupos discriminados.

## **6. Identidade**

- Opinião do entrevistado sobre o papel dos na formação da opinião pública.

- Quais são as principais funções dos no quotidiano do entrevistado.

- Perceção das representações de pessoas negras nos em Portugal (como é que o negro é representado nos *media* na perspetiva do entrevistado)

- Manifestação de interesse acrescido quando vê temas relacionados com comunidades negras nos *media*.

- Manifestação de interesse acrescido quando vê temas relacionados com comunidades africanas.

-Caracterização da programação nos portugueses em termos de diversidade cultural (o entrevistado pode escolher um ou mais).

- Sentimento de identificação com as programações ou temáticas presentes nos *media*.

- Que papel os têm/tiveram no desenvolvimento pessoal do entrevistado.

- Como avalia as referências feitas às pessoas negras em Portugal nos (qualitativa e quantitativamente).

## **7. Questão final**

*Pedia-lhe, que voltasse a apresentar-se. Agradecimentos!*

### **Anexo F – Excerto da entrevista exploratória com informante privilegiada: Isabela Salim, autora do estudo *Meios de Comunicação Étnicos em Portugal* (2008)**

**Nota: O excerto reflete apenas as conclusões referentes aos étnicos produzidos por africanos em Portugal.**

RA: Eu gostaria que fossemos um pouco para os africanos. Também me saltou à vista e achei muito interessante, o facto de eles serem os que tinham menos meios de comunicação étnicos e também de terem menos regularidade.

IS: Sim. Isso de facto foi uma das grandes constatações do estudo. Eu lembro que na altura achei pouquíssimos e os que eu encontrei, normalmente pertencia a uma associação de imigrantes qualquer. E que mesmo assim, mesmo que seja feita artesanalmente também tem o seu custo, e não saía com tanta regularidade. Pela pesquisa que eu andei fazendo, a conclusão a que eu cheguei, que era... que as pessoas foram-me dizendo, que achavam que o facto de não ter assim uma grande proeminência de meios étnicos africanos aqui em Portugal era devido ao facto de os grandes canais portugueses, por exemplo, a RTP tem o canal RTP África que é dirigido especificamente para a comunidade africana. Assim como a rádio, que é a RDP África que dirigida especificamente para a comunidade africana. Na altura também havia um programa na SIC, também era direccionado, inclusive o próprio apresentador era ele próprio moçambicano, enfim... Os próprios africanos já tinham, entre aspas, esses canais dirigidos especificamente para eles, embora não sejam, não possam entrar na categoria de meios étnicos em si, porque são meio de comunicação generalistas feitos por portugueses mas direccionados a uma comunidade específica. Mas que como já existiam esses meios talvez [os africanos] não sentissem a necessidade tao profunda de haver um meio direccionado só para eles. Essa foia a conclusão a que eu cheguei, que foi... das pesquisas das entrevistas que fui fazendo, das pessoas que eu entrevistei das diversas comunidades africanas foram dizendo o porque de não haver, na explicação deles, um meio de comunicação da comunidade africana voltado para a comunidade africana.

Entrevista na íntegra disponível em: <http://radioafrolis.com/2014/10/09/audio-26-meios-de-comunicacao-etnicos-em-portugal-explicados-por-isabela-salim/>

# Curriculum Vitae

## INFORMAÇÃO PESSOAL

**Nome:** Carla Marisa Fernandes

**Morada:** Rua do Mato Grosso nº12, 2ºdt, 1170-236 Lisboa

**Telefone:** +351 926257543

**Correio eletrónico:** [c.kassange@gmail.com](mailto:c.kassange@gmail.com)

**Data de nascimento:** 23/01/1980 | **Nacionalidade:** Portuguesa

## EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

Novembro 2009 – Outubro 2014

Jornalista na Deutsche Welle Radio - Programa em Português para África

Produção de reportagens e peças jornalísticas para os programas diários, coordenação da produção de radionovelas educativas do projeto internacional Learning by Ear – Aprender de Ouvido (Moçambique) e formação de colegas jornalistas correspondentes africanos da Deutsche Welle.

Julho 2009 – Agosto 2009

Rádio ONU - Programa em Português para África (Estágio, Nova Iorque – EUA)

- Produção de peças jornalísticas a partir da pesquisa de temas relevantes para as agências da Organização das Nações Unidas.

Outubro 2007 – Maio 2008

Jornalista na Rádio Europa Lisboa

- Guionista/moderadora do programa cultural semanal “Evasões Francesas”, com foco nas atividades da comunidade francesa em Lisboa. Cobertura de eventos culturais e realização de entrevistas com pessoas do mundo das artes.

Outubro 2007 – Maio 2008	Mestrado em Comunicação, Cultura e Tecnologias da Informação – ISCTE-Instituto Universitário de Lisboa.
Maio 2008 – Outubro 2009	Formação para jornalistas Internacionais – Deutsche Welle Akademie (Bona, Alemanha).
Outubro 2006 – Março 2007	Erasmus – Freie Universität Berlin (Berlim, Alemanha).
Outubro 2002 – Agosto 2007	Licenciatura em Tradução, variante Inglês/Alemão – Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

## COMPETÊNCIAS PESSOAIS

Língua materna

Português

Outras línguas

Inglês

Alemão

COMPREENDER		FALAR		ESCREVER
Compreensão oral	Leitura	Interação oral	Produção oral	
C2	C2	C2	C2	B2
Indique o(s) diploma(s) de línguas e respetivo nível.				
B2	B2	B2	B2	B2
Indique o(s) diploma(s) de línguas e respetivo nível.				

Níveis: A1/2: Utilizador básico - B1/2 utilizador independente - C1/2: utilizador avançado  
Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas

Competências de comunicação

- Boa capacidade de comunicação adquirida através da experiência profissional enquanto jornalista e coordenadora de um projeto internacional de comunicação intercultural, por ter trabalhado em ambientes internacionais com colegas de todos os continentes.

Competências de organização	Boa capacidade de liderança por ter coordenado equipas de 30 atores em projetos de radionovelas em Moçambique. Este trabalho envolvia o planeamento de gravações, a contratação dos atores e organização dos trabalhos. Fui também responsável pela coordenação da pós-produção dos programas na Alemanha fazendo o planeamento de gravações em estúdio.
Competências técnicas	Bom domínio da criação de conteúdos para online para páginas e blogues. Domínio de programas de edição áudio como Audacity, Adobe Audition, e Sound Forge.
Competências informáticas	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Conhecimento do software Office na ótica do utilizador (word, excel);</li> <li>▪ Conhecimento na ótica do utilizador de aplicações gráficas (PowerPoint);</li> <li>▪ Utilização de internet como ferramenta de comunicação, investigação e pesquisa.</li> </ul>

## INFORMAÇÃO ADICIONAL

Publicações	<p>“Ocupação” conto integrado na publicação <i>Grito de Mulher</i>, organizada pelo Círculo de Escritores Moçambicanos na Diáspora (2015).</p> <p><i>Ser ou NãoSer</i>, tradução de textos da poeta afro-alemã May Ayim para uma edição da Afrofanzine (2015).</p>
Apresentações	<p>Oradora: Debate - “O que há de África em Portugal?” integrado no ciclo Racistas são os Outros na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.</p> <p>Oradora: 5º Festival Internacional de Poesia Grito de Mulher (2015).</p> <p>Oradora: Tertúlia sobre “Padrão de Beleza e Representação da Mulher negra nos ” (2014).</p> <p>Oradora: Debate - Cidadania imigrante, participação política e os perigos dos populismos/nacionalismos na Europa no Fórum Municipal da Interculturalidade 2014.</p>
Projetos	<p><b>Audioblogue Rádio AfroLis</b> (<a href="http://radioafrolis.com/">http://radioafrolis.com/</a>): criado por mim em Abril de 2014. O audioblogue Rádio AfroLis é um espaço de expressão cultural feito por afrodescendentes a viver em Lisboa, onde em entrevistas semanais se fala sobre negritude, racismo e identidade, revelando facetas da consciência negra emergente em Portugal.</p> <p>O projeto tem tido uma aceitação bastante positiva ao ponto de ser uma referência para outros que realizam programas sobre temas que se relacionam com as comunidades negras em Portugal.</p> <p><b>Lisboa Africana</b> (<a href="http://lisboaafricana.com/">http://lisboaafricana.com/</a>): colaboradora do site de divulgação de eventos culturais africanos ou relacionados com África, que têm lugar na cidade e na região de Lisboa.</p>